

um novo olhar
O U R B A N O P A R T E

O Leão da Ilha

de
Marcelo Jardim e Leandra Vital

Livre adaptação com base no enredo do cordão de bicho "O Leão da Ilha", folgado característico da Praia do Marahu, na Ilha do Mosqueiro, em Belém/PA.



Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República

Margareth Menezes
Ministra da Cultura

Fundação Nacional de Artes | Funarte

Presidência Maria Marighella

Direção Executiva Leonardo Lessa de Mendonça

Direção de Artes Cênicas Rui Moreira dos Santos

Direção de Artes Visuais Sandra Benites Guarani Nhandewa

Direção de Música Eulécia Esteves da Silva Vieira

Direção de Fomento e Difusão Regional Aline Vila Real Matos

Direção de Projetos Laís Santos de Almeida

Direção de Logística, Orçamento e Administração Filipe Pereira de Aguiar Barros

Assessoria Especial Marcos Teixeira

Procuradoria Jurídica Dra. Maria Beatriz Correa Salles

Coordenação de Comunicação Chayenne Guerreiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ

Roberto de Andrade Medronho, reitor

Cássia Curan Turci, vice-reitora

Centro de Letras e Artes

Afranio Gonçalves Barbosa, decano

Carlos Augusto Moreira da Nóbrega, vice-decano

Escola de Música da UFRJ

Direção Ronal Xavier Silveira

Vice-direção | Direção Adjunta do Setor Artístico Marcelo Jardim

Direção Adjunta de Ensino de Graduação Eliane Magalhães da Silva

Direção Adjunta dos Cursos de Extensão Aline Faria Silveira

Programa de Pós-graduação em Música Fábio Adour, coordenador

Programa de Mestrado Profissional em Música | Promus Patrícia Michelini Aguiar, coordenadora

Fundação José Bonifácio | FUJB

Presidente Alberto Felix Antônio da Nobrega

Secretaria Geral Ricardo de Andrade Medronho

Superintendência Técnico-científica e Cultural Guilherme Lessa

Gerência de Convênios e Análise Ane Vicente Pereira

um novo olhar
O U M N O V O O L H A R

O Leão da Ilha

de

Marcelo Jardim e Leandra Vital

Livre adaptação com base no enredo do cordão de bicho "O Leão da Ilha", folguedo característico da Praia do Marahu, na Ilha do Mosqueiro, em Belém/PA.

2ª edição revista e ampliada
Rio de Janeiro, 2024

APOIO



Realização



ARTE DE TODA GENTE | PROGRAMA EM PARCERIA FUNARTE-UFRJ

COORDENAÇÃO GERAL Marcelo Jardim

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO Fabiana Rosa

COORDENAÇÃO DE INOVAÇÃO E PARCERIAS INSTITUCIONAIS Katia Augusta Maciel

ACADEMIA ARTE DE TODA GENTE Júlio Colabardini (coordenador) e Marlon Magno

GESTÃO DE PROJETOS Ana Cláudia Melo

ADMINISTRAÇÃO Aliciandra Amaral, Tânia Oliveira e Beatriz Veiga (assistente)

ARTE E WEBDEV Márcio Massiere, diretor

IMPRENSA Henrique Koifman

REVISÃO Daniele Paiva, Maurette Brandt e Mônica Machado

DIAGRAMAÇÃO Renata Arouca

FOTOGRAFIA Nadejda Costa e Walda Marques

NÚCLEO DE MÍDIAS DIGITAIS | NuMíDi

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO Carolina Lais de Assis

ROTEIRO E PODCASTS Fernando Salles

AUDIOVISUAL Alberto Moura

DESIGN GRÁFICO André Flauzino e Malany Dias

WEBDESIGN RenanFerreira



**EDITORA
ESCOLA
de MÚSICA**

UM NOVO OLHAR | UNO

COORDENAÇÃO Marcelo Jardim

COORDENAÇÃO DE ACESSIBILIDADE Patrícia Dorneles

COORDENAÇÃO DE CANTO CORAL Maria José Chevitarese

COORDENAÇÃO DOS CURSOS EM ENSINO A DISTÂNCIA DE

CANTO CORAL Juliana Melleiro

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO Leandra Vital

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO EM ACESSIBILIDADE Isadora Machado

ASSISTÊNCIA DE COORDENAÇÃO EM CANTO CORAL Danielly Souza

ASSESSORIA CURSO "ARTE/EDUCAÇÃO+ACESSIBILIDADE +INCLUSÃO"

Thelma Alvares e José Antônio Borges

COORDENAÇÃO DE ENSINO A DISTÂNCIA Angélica Dias e Júlio Silveira

COORDENAÇÃO DO ACESSIBILIFOLIA André Ramos

CONSULTORIA DIRAC/UFRJ Amélia Rosauero e Cláudia Martins

TRADUÇÃO PARA LIBRAS Gabriel Sampaio e Raphael Costa

SUPERVISÃO DA EQUIPE DE AUDIODESCRIÇÃO Vera Lúcia Santiago

AUDIODESCRIÇÃO Lindolfo Júnior, Naiana Moura e Stefanie dos Santos

LOCUÇÃO E EDIÇÃO DE AUDIODESCRIÇÃO Filipe Granja

CONSULTORIA EM AUDIODESCRIÇÃO Paulo Henrique da Silva

SUPERVISÃO DA EQUIPE DE LEGENDAGEM Patrícia Vieira

LEGENDAGEM Eurijunior Sales e Joel Bezerra

EDITORIAÇÃO DE PARTITURAS E EDIÇÃO DE VÍDEOS DE CANTO CORAL Cadu Barcelos

VOCAL PARA VÍDEOS DE CANTO CORAL Carolina Morele Sarah Salotto

PIANO PARA VÍDEOS DE CANTO CORAL HectorCoutinho

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO DOS TEXTOS (ANAIS CIMUCI) Fernanda Estevam

EDITORA ESCOLA DE MÚSICA

SUBCOMISSÃO PARA PRODUTOS DIDÁTICOS, BIBLIOGRÁFICOS, FONOGRÁFICOS

E AUDIOVISUAIS Marcelo Jardim, presidente

COORDENAÇÃO EDITORIAL André Cardoso, Maria José Chevitarese,

Aloysio Fagerlande, Eduardo Monteiro e Leandro Soare

FICHA TÉCNICA "O LEÃO DA ILHA"

TRANSCRIÇÃO E REVISÃO DAS MÚSICAS ORIGINAIS Leandra Vital

ARRANJOS E EDIÇÃO MUSICAL: Marcelo Jardim

PREPARAÇÃO VOCAL: Leandra Vital e Milton Monte

ANÁLISE DOS GÊNEROS E RITMOS MUSICAIS: Marcelo Fernandes

CANTORES PARA A GRAVAÇÃO Rafaela Caetano (soprano), Eugenia Piñon (contralto), Alcântara Jr. (tenor), Milton Monte (baixo/baritono).

PIANO: Leandra Vital

TÉCNICOS DE GRAVAÇÃO: Jacinto Kahwage e Luiz Pardal

GRAVAÇÃO DE ESTÚDIO: Midas Amazon Studio

TÉCNICO DE GRAVAÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEO Alem Viana | Inovar produtora

Todos os direitos reservados

©Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Letras e Artes | Escola de Música

Laboratório do Centro de Estudos Orquestrais

Editora Escola de Música | Selo UFRJ Música

Rua do Passeio, 98 – Centro

CEP 20.021-290 Rio de Janeiro RJ Brasil

editora@musica.ufrj.br | www.umnovoolhar.art.br

Referência ABNT 6023:

JARDIM, Marcelo; VITAL, Leandra. **Leão da ilha** : livre adaptação com base no enredo do cordão de bichos "O Leão da Ilha", folguedo característico da Praia do Marahu, na Ilha do Mosqueiro, em Belém/PA .Rio de Janeiro: Escola de música da UFRJ, 2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880

J373I Jardim, Marcelo

Leão da ilha : Livre adaptação com base no enredo do cordão de bichos "O Leão da Ilha", folguedo característico da Praia do Marahu, na Ilha do Mosqueiro, em Belém/PA. / Marcelo Jardim e Leandra Vital. –. 2.ed. rev. Ampl. – Rio de Janeiro: Escola de música da UFRJ, 2024.

118 p. ; 21 x 28cm.(PROJETOS ESPECIAIS UFRJ-FUNARTE)

ISBN: 978-65-89936-84-8

Projeto : "UM NOVO OLHAR"

Partituras e partes instrumentais

1.Música - Instrução e estudo. 2. Canções folclóricas - Pará. 3. Folguedos folclóricos. I. Vital, Leandra.II.Título. II. Série
CDD 780.70981

Índice para catálogo sistemático:

1. Música - Instrução e estudo
2.Canções folclóricas - Pará
3.Folguedos folclóricos

O LEÃO DA ILHA: CORDÃO DE BICHO DA PRAIA DO MARAHU

O cordão de bicho "O Leão da Ilha" teve forte atuação nos característicos folguedos juninos na comunidade da Praia do Marahu, na Ilha do Mosqueiro, distrito de Belém do Pará, nas décadas de 1980 e 1990. De tradição oral, não existe mais atualmente. As informações encontradas sobre seu funcionamento e detalhamento dos procedimentos para a realização da encenação se deram pela pesquisa realizada por Hortência Vital de Castro, em 2001. O áudio original das obras foi registrado à essa época, e contou com o canto de Dona Maria e Seu Bem, guardiões do cordão. Em 2010 houve uma nova tentativa de resgate da tradição e a pesquisa realizada quase uma década antes foi base para a produção de um cortejo. Para essa ação, foram transcritas parcialmente o material musical, no total de 13 obras, transcritas por Leandra Vital, e que serviram para uma apresentação encenada.

Em 2020, foi estruturado um projeto mais robusto, com outras parcerias para a produção de mais obras, completando a coletânea em 17 obras, transcritas com base no áudio original. A revisão de letra e música foi feita novamente por Leandra Vital. O projeto estrutura foi premiado pelo Edital Preamar 2020, pelo Governo do Estado do Pará, através da Secretaria de Estado de Cultura. Para o projeto foram selecionadas 10 obras.

Esta segunda edição foi direcionada para o registro em audiovisual com canto coral e piano, e a montagem de um caderno de partituras, na íntegra, com as 17 obras, baseado nos textos originais, mas com uma ponta no realismo fantástico. Os arranjos ficaram a cargo do maestro Marcelo Jardim, que também assumiu a parceria com Leandra Vital para esta nova versão do Leão. A gravação contou com o soprano Rafaela Caetano, o contralto Eugenia Piñon, o tenor Alcântara Júnior e o baixo/barítono Milton Monte, com Leandra Vital ao piano

E justamente, na parceria Arte de Toda Gente, entre a Funarte e a UFRJ, com a curadoria da Escola de Música da UFRJ, o cordão encontrou caminho, através do projeto Um Novo Olhar, em sua ação para canto coral. O objetivo é que esse material seja conhecido e possa ser utilizado em recitais, apresentações, concertos etc., em todo o Brasil, de maneira a fazer a difusão da tradição do cordão de bichos e servir de material pedagógico para as escolas do ensino fundamental no Pará

Marcelo Jardim
Professor, vice-diretor e diretor artístico da Escola de Música da UFRJ
Coordenador do Projeto Um Novo Olhar

UMA MANIFESTAÇÃO FOLCLÓRICA ESQUECIDA NO TEMPO

Em 2001, fui convidada a participar de um trabalho de pesquisa que tinha por objetivo "resgatar" uma manifestação artística popular da localidade da praia do Marahu, localizada na Ilha do Mosqueiro. Foram inúmeros finais de semana de idas e vindas para que eu pudesse coletar informações sobre as músicas, com entrevistas e gravações da estória, dos causos e particularidades desse cordão de bicho, como é conhecida essa manifestação. E assim se deu meu primeiro contato com o "Leão da Ilha", com seus simbolismos e com a rica tradição do folguedo. Tudo foi registrado à época em fita k7, nas vozes de seus guardiões, Dona Maria e Seu Bem, dois ribeirinhos da localidade.

Em 2010 fiquei responsável pela direção musical do projeto, porém, o cordão de bicho "O Leão da Ilha" estava sem se apresentar havia mais de duas décadas, tendo em vista que em 2001 somente se deu a pesquisa. Sendo esse tipo de manifestação cultural de tradição oral, se tornou grande o desafio de transcrever as melodias, da forma mais fiel possível, a partir das gravações realizadas. E foi possível assim realizar o cordão em sua forma encenada.

O projeto atual, desde 2020, é uma expansão que compreende uma releitura dessa pesquisa, com um formato completamente novo em sua abrangência e com novo texto, no qual as personagens do realismo fantástico do folguedo são atribuídas de verossimilhança e assumem dimensão humana, além de se estabelecerem em um espaço e tempo, trazendo à tona os conflitos e as conciliações do nosso dia a dia. Algumas dessas personagens, antes de menor importância na trama, assumem o protagonismo da narrativa e, pouco a pouco, nos entrelaçam em um espiral de emoções e sentimentos. A música ganha novos contornos, timbres e colorido e surge como nunca antes pensada, em formação para quarteto vocal e piano, com arranjos que valorizam as vozes, dialogam com o texto original e nos brindam com ritmos característicos do Pará. Aqui, nessa segunda edição, apresentamos a redução para voz e piano do caderno de partituras com as 17 canções, com cifra.

No contato e convívio com o cotidiano daquele povo da ilha, mais especificamente com a comunidade da praia do Marahu, pude apreciar e me embabecer com muitas histórias, músicas, sabores da comida fresca, do peixe pescado no momento da refeição, dos temperos colhidos no quintal, das noites dormidas na barraca de madeira, à beira da praia, com as ondas passando por baixo da palafita, embalando a rede e os sonhos. Deixo aqui meu agradecimento a essa gente e a oportunidade que tive de vivenciar algo tão sublime.

Viva o cordão de bicho, manifestação cultural genuinamente paraense!

Leandra Vital
Pianista, arte-educadora
Secretaria de Educação do Estado do Pará



Você que está lendo este livro informe para uma pessoa cega ou com baixa visão que tem QR code, como recurso de acessibilidade.





Dedicado à memória de Dona Maria e Seu Bem, que com tanto amor e dedicação, preservaram esse lindo cordão.





ଓଡ଼ିଶା
ରାଜ୍ୟ
ସିନିଆ

Sumário

O Leão da Ilha: cordão de bicho da Praia do Marahu	5
Uma manifestação folclórica esquecida no tempo	6
Prelúdio	12
O Coronel, a Rainha e a Princesa	14
Yasmim e o Leão	15
Forças ocultas	18
O povo da ilha	20
Profissão: caçar	21
A guia	23
A enganação	24
A notícia se espalha	25
A vila	27
Tuxaua e o Capitão	28
A fada da floresta	30
A caçada ao caçador	31
A história de Esmeralda	33
A prisão	35
O encontro	36
O senhor botinas	38
O advogado e o capitão	39
O pajé e a fada	41
Uma conversa de graúdos	43
Um amor do passado	44
O reencontro	46
A operação	48
A cura do leão	49
A festa na ilha	51
Um cortejo no Marahu	54
Epílogo	57
Em algum lugar da floresta	57
Caderno de partituras	59
Os gêneros musicais encontrados na música de “O Leão da Ilha”	60

PRELÚDIO

O sol se punha de forma especial na Praia do Marahu, como se não quisesse ir embora. Brindava a todos, sempre, com cores especiais, vivas e acolhedoras, que se misturavam cada vez mais, tal qual um bailado da natureza, até que tudo voltava ao normal. Era o fim do espetáculo do entardecer e a Ilha do Mosqueiro descansava assim, depois de mais um dia. Mas em uma época do ano, justamente nesse momento do sol poente, os sons passavam a dominar os ouvidos e a praia era inundada de gente, celebrando a história de um ser diferente para a localidade.

Era a história de um leãozinho, que ali chegou filhote e se tornou um leãozinho. O bichinho alegrou um coração necessitado e, depois de muitas aventuras, ajudou ainda a unir os moradores da região em perfeito equilíbrio de subsistência e de preservação ambiental. Quem diria que seria preciso um Leão para fazer o que os homens custavam a entender!

Agora vocês vão conhecer a história do Leão da Praia do Marahu, que ficou conhecido como o Leão da Ilha, tal sua fama e formosura, vindo da África para Mosqueiro, e que alegrou uma menina e nos ensinou o quão importante são a compreensão, o amor e a colaboração.

Venham todos nessa impressionante jornada, em nossa encantadora ilha, com sua gente festeira e trabalhadora. Venham escutar e cantar nossa música. Vamos celebrar nosso Leãozinho com muito canto e dança, em uma festa com alegria e satisfação.





ABERTURA FESTIVA

CORO:

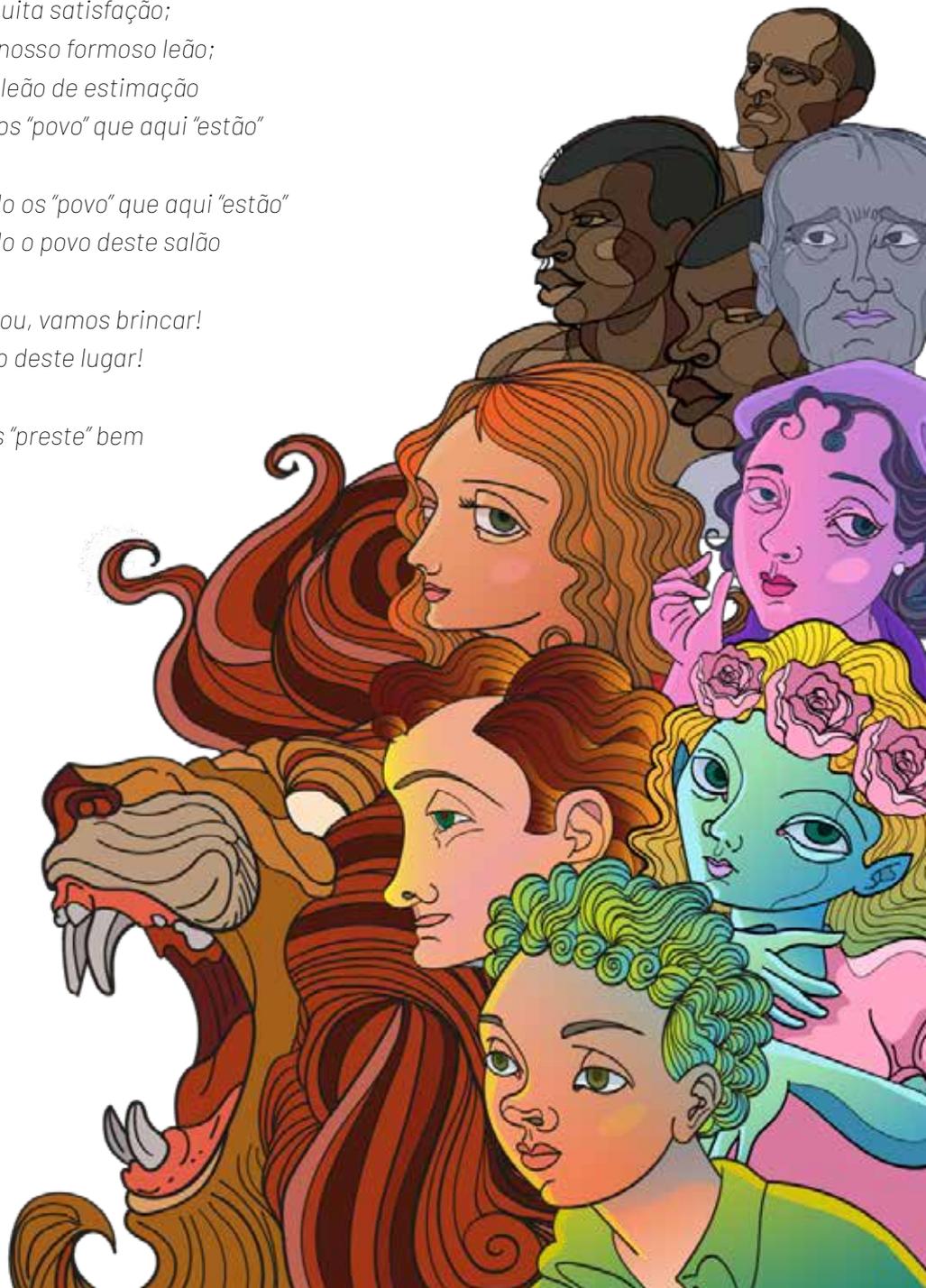
*Aqui chegamos com toda satisfação. Viemos dançar!
Viemos trazer essa nossa grande fera, que veio se apresentar!*

*Chegamos com alegria, com muita satisfação;
Viemos trazer a grande fera, o nosso formoso leão;
Aqui chegou nosso leão, nosso leão de estimação
E vai entrando e vai saudando os "povo" que aqui "estão"*

*Vai, vai entrando e vai saudando os "povo" que aqui "estão"
Vai, vai entrando e vai saudando o povo deste salão*

*Chegou, chegou, chegou, chegou, vamos brincar!
Chegou o Rei da Fera, campeão deste lugar!*

*Meus senhores e senhoras, nos "preste" bem
atenção!
Este é o nosso plano, pois aqui
viemos brincar!*



O Coronel, a Rainha e a Princesa

Em uma época não definida havia, perto da praia do Marahu, uma grande fazenda. Lá morava um coronel de patente adquirida – que com o din–din abundante, era chamado de coronel até por generais de verdade. O coronel comprou terras e ampliou seus domínios; dizem que tudo o que se via era dele, e o que não se via também se dizia que era dele. As crianças até pensavam que o coronel criava grilos, de tanto que escutavam, aos cochichos, que ele era grileiro.

A relação do coronel e seus capangas com o povo ribeirinho e os indígenas não andava muito boa, desde que resolveu que seus gados precisavam de mais pastagens. Conflitos aqui e acolá não tardaram a ocorrer. Mas, em dado momento, algo mudou – e para melhor. O amor se instalou no coração do coronel, e respondia por um nome: Rainha. O coronel a conheceu na cidade grande, e dizem que era uma grande artista: cantora, bailarina e engolidora de espadas. Mas isso nunca ninguém comprovou. E também não interessava a ninguém; o importante era somente o fato de que foi ela a fazer o coronel ter pensamentos mais bondosos com a comunidade.

A paixão do coronel era tal que ele transformou a casa da fazenda, antes um sobrado rançoso e esquelético, em um verdadeiro e lindo castelo. Dizia ele:

– Para minha Rainha, nada menos do que um castelo para emoldurar sua formosura.

A Rainha, de gosto extravagante e espalhafatoso, tinha também forte senso de justiça social – e exigiu do coronel tratamento digno aos seus empregados, compreensão da necessidade de convivência entre os ribeirinhos e com os indígenas. E orientou também a forma como poderia ser feito o manejo da terra, da criação de gado e da manutenção da floresta. Em pouco tempo, de rainha do coronel, passou a ser tratada como tal por todos, que viam nela realmente uma alma bondosa e caridosa.

Do amor deles nasceu Yasmin. E o povo naturalmente a tratou por Princesa. Nasceu frágil como o vidro, e comoveu a todos por sua luta para sobreviver, logo ao sair do útero da mãe. O médico a havia desenganado, mas algo nela queria muito viver. E assim se deu. A pequena Yasmin cresceu rodeada de cuidados, como uma verdadeira princesa, mas todos sabiam que esses cuidados eram essenciais à sua existência. Mais humanidade trouxe ao casal e mais compreensão a todos. Yasmin cresceu e se tornou uma linda menina. Em seu aniversário de oito anos, pediu aos pais um animalzinho de estimação.

Yasmim e o Leão

O coronel pensou, pensou, e disse à Rainha, sua amada:

– Vou dar a Yasmin o bichinho de estimação mais forte e mais vistoso: um Leão, como símbolo de sua força interior.

A Rainha compreendeu que seria difícil para o marido cumprir tal desejo – e o aconselhou a dar um gato ou um cachorro; mas ele já tinha aquela ideia fixa na cabeça. Levou cinco meses para conseguir trazer um filhote de Leão, diretamente da África, para a fazenda. E chegou em excelente hora, pois Yasmin estava adoentada – e a chegada do Leãozinho a animou de tal forma que, em questão de dias, estava curada! A relação de amizade que se formou entre a frágil Yasmin e o Leãozinho deixava a todos perplexos, pois realmente o bichinho crescia e cuidava de sua dona com verdadeira devoção. Nunca se imaginaria um Leão tratando um ser humano daquela forma, mas a natureza do bicho não poderia ser esquecida jamais. E um belo dia o coronel teve que propor à filha que o Leão pudesse ficar solto na floresta; deixou claro, que ele continuaria sendo dela, mas que deveria viver uma vida mais livre.

Para tal empreitada, foi necessário criar uma reserva em suas terras, para que o Leão pudesse lá viver – além de estabelecer um pacto com os indígenas nativos, para que pudessem cuidar da alimentação do bicho e delimitar o espaço, para que o animal não ultrapassasse os limites da reserva – o que poderia ser arriscado para os moradores da Vila e da Praia do Marahu. Um de seus homens de confiança tinha contato com uma indígena – diziam até que eles iam se casar – e veio a saber que era a filha do cacique. E foi graças a eles que, com alguns contratempos e idas e vindas, foi possível estabelecer o acordo. O homem do coronel e a índiazinha conseguiram convencer as lideranças da aldeia e da vila da importância de seguir as regras à risca.

Com isso, um equilíbrio se formou – e assim permaneceu por muito tempo. Em retribuição, o coronel conseguiu nomear seu homem de confiança como capitão da guarnição da Vila, na Praia do Marahu. Na aldeia, o cacique ficou muito orgulhoso da filha também, mas infelizmente faleceu. Antes disso, passou seu posto para ela – e pela primeira vez uma mulher ocupou aquele lugar de liderança. Ficou conhecida como a Índia Tuxaua. As conquistas individuais, tanto para o capitão quanto para a Tuxaua, os impediram de permanecer juntos, mas os dois fizeram um juramento de fidelidade – e assim mantiveram-se em permanente contato.

Yasmin cresceu, delicada e frágil, mas com um animalzinho que representava sua força interior: um leão de estimação. E o Leão, crescido, passou a morar em uma imensa reserva, nas terras do coronel, que abarcava boa parte da floresta do sertão. Tinha convívio com a aldeia dos indígenas e com outros

seres que habitavam a floresta também, por opção. Para proteção da área, o coronel designou também guardadores, que ficaram conhecidos por guarda-bosque. Entre eles estava Saulo, sobrinho do capitão, excelente rapaz, que tinha muito cuidado com Yasmin, sempre muito solícito para com ela e com a Dona Rainha. Adorava os dias em que dedicava sua atenção a elas, para que pudessem ver o Leão. Nesses dias, deixava preparada a alimentação do animal e o atraía com o cheiro de carne fresca. O guarda-bosque nunca conseguiu explicar como podia um Leão daquele porte não ser agressivo com o ser humano; e, ainda por cima, como Yasmin conseguia chegar perto do Leão e abraçá-lo.

Certa vez Saulo teve a nítida impressão de que o Leão falava com ela, e viu os olhos do Leão fitarem sua dona com carinho. Pensava que, se existia algo de fantástico no mundo, era esse encontro inusitado entre um Leão e uma Princesa com ossos de vidro. A cena, a seu ver, era uma verdadeira visão do paraíso.

Em uma de suas visitas, Yasmin e a Rainha ouviram rumores sobre um caçador que estaria à espreita do Leão, para caçá-lo. Tal fato as deixou extremamente preocupadas.

– Querido Saulo, estamos preocupadas. Ouvimos rumores na Vila de que caçadores estão invadindo nossa reserva. – disse a Rainha. – Por favor, tome conta da floresta do sertão, pois sabemos que esses caçadores andam armados e...

– Saulo, sei que você faz seu trabalho de forma exemplar, mas a apreensão de minha mãe é, na verdade, mais minha do que dela – arrematou Yasmin, antes que a mãe terminasse a frase. – Você bem sabe como esse Leãozinho é importante para nós – disse a menina, com seus olhos brilhantes como o sol.

– Não se preocupe, Princesa, pois estou atento e pode ter certeza de que tomarei conta do querido Leão, com muita satisfação! – respondeu o guarda-bosque, com a segurança que sempre o caracterizava.



O GUARDA-BOSQUE

Guarda-bosque:

*Eu sou o guarda deste bosque, trabalho com atenção
Trabalho dia e noite, com ordem do meu patrão
Eu sou o guarda deste bosque, trabalho com atenção
Trabalho dia e noite, para ganhar meu tostão.*



Incumbido da missão dada pela Rainha — e também por sua própria preocupação, devido aos rumores — o guarda-bosque saiu em diligência e assim que chegou à reserva, não tardou a encontrar o caçador. Este, quando o viu, ainda tentou despistar, como se fosse alguém que estava somente observando o local.

— Senhor guarda-bosque, que agradável surpresa vê-lo por aqui! Sabe que vejo isso como uma grande coincidência, pois eu ia mesmo falar contigo — disse o caçador, sem esconder um certo nervosismo, e completou: — Venho pedir permissão para caçar nesta floresta.

O guarda-bosque que de bobo não tinha nada, respondeu seriamente:

— Coincidência não há nessas bandas, seu caçador. Minha sala fica a muitos hectares daqui, e não me parece que o senhor tenha tentado me procurar por lá — disse, com o cenho ainda mais fechado, e completou. — Aqui não tens permissão, senhor caçador. É floresta protegida, cumpro missão e aqui vos digo que nessa floresta não deves caçar.

Ao ouvir a resposta de Saulo, o caçador se conteve para não deixar transparecer a raiva e a ira, pois estava certo de que iria caçar o Leão. Uma gota de suor brotou em sua fronte e suas bochechas tremiam, mas conseguiu se controlar e desapareceu da frente do taciturno guarda. Sua vida não tinha sido fácil nos últimos tempos; dinheiro escasso e a impossibilidade de conseguir o sustento só na pescaria. Sentia falta de sua mulher, que sucumbira por malária, e viu sua vida desmoronar quando sua única filha perdeu a visão. Seu pensamento fixo era caçar o Leão e conseguir bom dinheiro com a venda da pele e da cabeça.



Forças ocultas

Ao se afastar, com os pensamentos mais turvos possíveis, recordou-se que há muito pedira favores a uma velha senhora, que morava em um sombrio canto da floresta, esquecido pelo sol e umedecido pelas chuvas. Nunca soube seu nome, mas era conhecida como feiticeira, a dona dos segredos em pó, a pessoa em quem não se podia confiar, mas que atendia por alguns trocados.

– Feiticeira, peço que me atenda, pois tenho uma proposta para você. – disse o caçador. – Quero que adormeça o guarda-bosque, sujeito chato e intransigente. Aqui existe um bicho que me interessa, e para caçá-lo não tenho pressa. Vive solto na floresta, mas dizem que é de estimação. Assim, como dono não tem, vou caçar esse Leão.

A feiticeira observou o caçador, como quem contemplava um ser raro de outro mundo. Deu a ele um copo com chá, e pensou consigo: – Que figura deprimente, não vê e não sente. – Mas a feiticeira não está ali para ensinar e nem julgar ninguém; quer é o dinheiro. Seus serviços custarão um tostão ao caçador; mas o troco deste poderá ser bem pior. Apenas sorriu e disse.

– Caçador, o que me pedes irás conseguir, mas fique sabendo que tu podes cair – disse, com uma voz que mais parecia guincho de bicho. – O Leão que queres caçar é bicho de estimação, e é protegido além desse mundo também. Não posso dizer que fiques sossegado, mas cumprirei o teu desejo. Vou adormecer o guarda-bosque para ti. Esta é minha missão. E me pague o meu tostão.

Como num passe de mágica, o mundo se tornou fumaça e neblina, tudo girou e o caçador podia jurar que outras feiticeiras dançavam ao seu redor. Ouviu gritos, falas, murmúrios, não compreendeu nada, mas sentiu que algo se passava – e que estava muito além de sua compreensão. Seus sentidos estavam dormentes, mas que estava lucidamente acordado. Para ele, tudo já era a magia da feiticeira em ação. Ou seria o chá?

Em algum lugar perto dali o ar se tornou mais denso e penetrou numa sala mal iluminada, com uma mesa e uma cadeira, na qual estava sentado o guarda-bosque. Saulo observou, atônito, as imagens à sua frente, sem compreendê-las ou sequer concatená-las. Uma, duas, três feiticeiras bailavam ao seu redor, passando suas mãos envelhecidas por seu rosto e pescoço. O rapaz não podia fazer nada, a não ser dormir o sono profundo dos ingênuos.



O CAÇADOR

Caçador:

*Sou caçador, sou afamado. Esta é minha profissão.
Venho fazer a caçada aqui na mata do sertão.*

Coro:

*Olhem lá, caçadores, nos prestem bem atenção.
Não mate nosso leão, que é da nossa estimação!*

Caçador:

*Sou caçador, sou afamado, minha profissão é caçar.
Vamos sair... à procura pra caçar o que encontrar.*

Coro:

*Olhem lá, caçadores, nos prestem bem atenção!
Não mate nosso leão, que é da nossa estimação!*



O povo da ilha

Os moradores ribeirinhos eram descendentes de indígenas e de antigos colonos. Aprenderam a conviver com a floresta e sua abundância, – e também com os nativos indígenas, de forma a respeitar suas tradições e crenças. O sustento era extraído da terra e dos rios. E protegiam a região de qualquer invasão externa. Os rumores a respeito de caçadores tornavam-se cada vez mais rotineiros; e a insegurança quanto à sobrevivência do Leão fez com que organizassem reuniões, para definir um plano capaz de protegê-lo, pois era considerado por todos de grande estimação.



O POVO DA ILHA

Coro:

*Olhe lá, caçador, vai prestando atenção!
Se atirar nessa fera, vai sofrer lá na prisão!
Olhe lá caçador, vai prestando atenção!
Se atirar nessa fera, vai sofrer lá na prisão!*



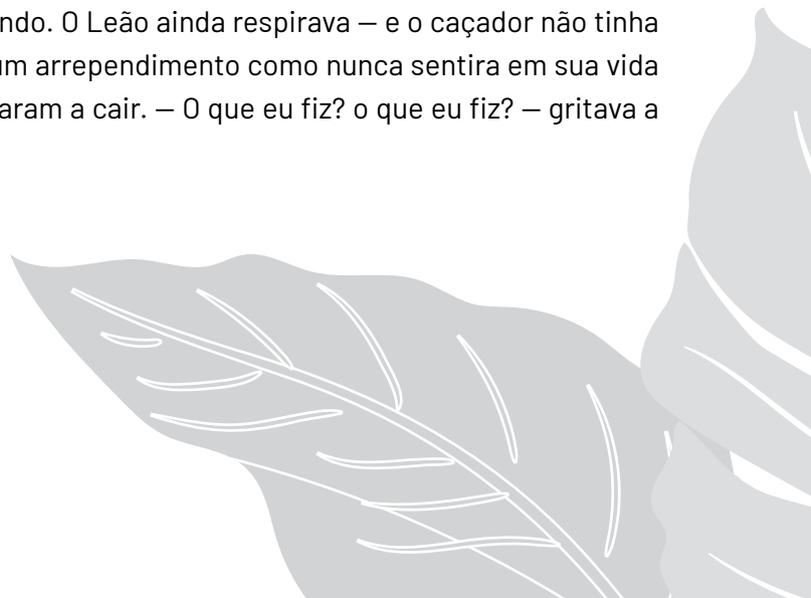
Profissão: caçar

O caçador já não se aproximava das comunidades da Ilha, pois sabia muito bem que os ânimos estavam exaltados; e, segundo seus informantes, já começavam a surgir grupos querendo prendê-lo. Sabia que a promessa feita pela feiticeira acabaria em pouco tempo; assim, avançou para dentro da floresta. Por dias e noites espreitou o Leão e nada de encontrá-lo. Chegou a duvidar de que tal animal existisse, pois nenhum rastro havia sido encontrado e muito menos sinal de que o Leão também caçava por aquelas bandas. Mas lembrou-se de que a Rainha e a Princesa, segundo lhe informaram, iam semanalmente para dentro da floresta, para um encontro com o Leão. O caçador observou que havia ali uma rara oportunidade para encontrar o animal; precisava somente não ser visto, ouvido ou percebido.

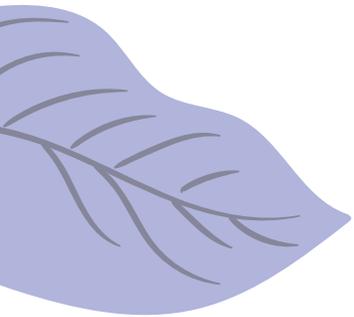
E assim o caçador as seguiu e, em dado momento, pôde conferir com seus próprios olhos a figura imperial do Leão da Ilha. O vislumbre daquele animal imponente e vistoso o fez tremer, com um misto de medo e admiração. Ao mesmo tempo em que estava radiante por seu plano ter dado certo, uma sensação de pânico o tomou, ao se perguntar por que pretendia caçar um animal tão belo e digno. Pensou em voz alta: mas o que estou fazendo? — Paralisado com a cena do Leão a brincar com a Princesa e os pensamentos de êxtase por ver tal criatura, perguntou a si mesmo se valia a pena prosseguir com tal plano. Mas rapidamente os pensamentos corretos se desvaneceram — e, como num passe de mágica, voltou a se fixar na ideia na caçada.

Tão logo as duas mulheres se afastaram do Leão, o caçador seguiu-o floresta adentro. O Leão parou em um ponto calmo e sereno da floresta para dormir um pouco. O caçador aproveitou a distração e se preparou para atirar, quando o Leão despertou com o cheiro de bicho humano no ar. Com um único movimento, deu um salto e ficou de frente para o caçador. Este, desesperado, tentou engatilhar a arma — e levou uma patada do Leão que quase lhe arrancou o braço. Tal fato o enfraqueceu, pois ficou ferido, mas viu que o Leão veio novamente em sua direção e, sem pestanejar, deu um tiro certo que o derrubou ali mesmo. Caíram os dois ao chão.

Quando conseguiu se recuperar minimamente, o caçador se levantou e foi ao encontro do Leão, para dar o derradeiro tiro. Olhou o animal caído a seus pés e sentiu uma dor dilacerante na alma, a ponto de suas mãos não mais obedecerem ao seu comando. O Leão ainda respirava — e o caçador não tinha mais coragem para desferir o golpe fatal. Sentiu um arrependimento como nunca sentira em sua vida — e, ao tocar o corpo do Leão, as lágrimas começaram a cair. — O que eu fiz? o que eu fiz? — gritava a



plenos pulmões, ao mesmo tempo em que olhava para os lados, na tentativa de encontrar algo que pudesse ajudá-lo a tirar o Leão dali. A obstinação da caçada se transformou em súplica por ajuda, e num desesperado sentimento de angústia por ter atirado naquele bicho imponente, que ali estava à beira da morte. Naquele momento, o caçador percebeu que nada mais podia fazer, salvo pedir perdão ao animal ensanguentado e estirado ao chão. Ajoelhou-se ao lado do Leão e chorou, pedindo perdão.



A guia

O caçador não sabia há quanto tempo estava agarrado ao Leão, quando percebeu uma luz opaca que, em princípio, foi se formando e, pouco a pouco, tornou-se cada vez mais intensa e ofuscante. Enquanto se esforçava para compreender o que se passava, a luz já tomava conta de tudo ao redor, e o caçador viu o semblante de uma mulher conhecida, apesar de ainda não conseguir organizar os pensamentos.

– Caro amigo, não se assuste. Algo ruim se passou aqui, mas fico muito feliz por você ter recuperado a consciência e não ter levado adiante o pensamento infame. Seu arrependimento, mesmo que um tanto tardio, evitou o pior. Estou aqui para ajudar. – disse Diana, uma bela mulher de cabelos dourados, conhecida por todos como a Fada. – Sua atitude provocou muita dor, mas ainda bem que seu coração foi mais forte.

– Minha fadinha, me perdoa! Não consigo compreender o que fiz – disse o caçador, com uma voz que parecia não querer sair da boca.

– O animalzinho não está bem. Tenho que encontrar quem o tire daqui o mais rápido possível. Não consigo curar o Leão e tenho dúvida se o pajé também conseguirá, mas não há tempo a perder.

– Estou arrependido do mal que causei. Como posso consertar essa injustiça? Me diga, que farei.

– Não há como mudar o que já está feito, caçador. Mas suas atitudes podem ser diferentes no futuro. No entanto, ficar aqui agora pode ser perigoso. De caçador, tu te tornaste a caça. Fuja para se proteger, enquanto tento salvar este pobre Leão.

O caçador escutou os conselhos da amiga. Diana conheceu sua esposa e a ajudou em seus últimos momentos. Sempre foi muito carinhosa com sua filha também, e por várias vezes cuidou de toda a família. Diana fazia atendimento domiciliar em várias localidades das comunidades ribeirinhas, pois era médica formada. Dizem que abandonou tudo na cidade grande para ajudar os povos ribeirinhos e indígenas. O caçador levantou-se rapidamente, pegou suas coisas e fugiu, pensando em como iria fazer contato com sua filha, que o aguardava em casa sem notícias. Queria que tudo aquilo não tivesse ocorrido. Tarde demais.

A enganação

O guarda-bosque, ainda inebriado e sob o efeito de alguma coisa que foi colocada em seu café, se recorda de uma espécie de dança; havia uma senhora em sua sala, mas ele não tem certeza de suas lembranças. Recorda-se, porém, de ter ouvido um estampido, como um tiro. Tentou se levantar rápido, mas foi o suficiente para a cabeça quase estourar de tanta dor. Ainda estava muito tonto. Sem saber se o que acontecera tinha sido realidade ou sonho, conseguiu cambalear para fora e saiu à procura do Leão. Andou por todo lugar, e nada. Em vão procura pelo animal, mas o Leão sumira! Aflito, procurou organizar os pensamentos.



A TRAIÇÃO DO CAÇADOR

Guarda-bosque:

*Eu sou o guarda desse bosque;
eu busco dar proteção!
O "marvado" caçador hoje usou de traição.
Eu sou o guarda desse bosque;
procuro dar proteção!
O "marvado" caçador hoje usou de traição.*

Sabendo que a situação poderia piorar muito e trazer sérias consequências, Saulo tentou se recompor e organizar os próximos passos. – Deus do céu, como irei dar a notícia que não encontro o Leão, para a Rainha e para... Ao pensar em Yasmin, seu coração quase pulou do peito e a angústia tomou conta de seu ser.

A sensação de derrota era imensa, mas o sentimento de traição imperava.

O caçador o havia enganado.



A notícia se espalha

A notícia de que o Leão havia sido ferido já estava em toda a vila e na floresta, assim como a notícia de que o caçador estava se escondendo, fugindo.



O LAMENTO DA PASTORA

Pastora:

*Eu sou uma triste pastora, vim na mata trabalhar
E no dizer das pastoras foi que eu vim acreditar*

Coro:

*Não chora, minha menina, caçador foi o culpado!
Atirou em nosso leão, mas ele vai ser castigado! (BIS)*

Pastora:

*A pena que me faz pena, a pena me traz cuidado,
De ver aqui o leão, tanto sangue derramado!
A pena que me faz pena, a pena me traz cuidado.
De ver aqui o leão, tanto sangue derramar!*

Em seu habitual passeio pela floresta do sertão, para se encontrarem com o Leão, a Rainha e a Princesa sempre paravam para conversar com o povo da ilha que viam pelo caminho; mas desta vez foi diferente. Uma pastora estava chorando e ao indagar-lhe o motivo, ficaram sabendo de todo o ocorrido.

– Tens realmente certeza, menina, sobre os boatos que circulam sobre nosso querido Leão? – perguntou bem diretamente a Rainha, com olhos cerrados. Ainda tentava entender o que levaria alguém a fazer o que foi feito com o Leão.



– Sim, Rainha, e por essa razão minha tristeza é tão grande! Mas posso indicar onde o Leão deveria estar – disse a pastora, limpando as lágrimas. – Lá foram encontradas marcas de sangue e de pegadas.

A Princesa pegou rapidamente a mão da Rainha e a conduziu, seguindo a pastora.

– Veja, mãezinha, são marcas de sangue. Alguém esteve por aqui caçando nosso Leão – disse Yasmin, quase sem voz.

– Mas como o caçador conseguiu carregá-lo? O Leão é pesado e ele, sozinho, não conseguiria sequer levá-lo. Será que trouxe outros caçadores com ele? – Falou em voz alta a Rainha, mais para si mesma do que para a filha.

– O que você acha que devemos fazer? Falamos com papai? – indagou Yasmin.

– Não! Definitivamente, não – respondeu rapidamente a Rainha. Sabia que essa ação deveria ser a última a ser tomada, pois uma reação forte poderia ser esperada. – Vamos primeiro compreender a situação toda e encontrar quem de fato pode buscar solução.

Yasmin observou, emocionada, o sangue derramado, e se voltou para sua mãe:

– Devemos envolver o guarda-bosque e o capitão, minha mãezinha, pois eles deveriam ter protegido nosso Leãozinho. O que pode ter acontecido? – disse a pequenina Yasmin, já sem conseguir segurar o choro.

A Rainha, com olhar pensativo, concordou. Bem sabia ela que era preciso agir rápido, para evitar que o Coronel pudesse pensar em fazer alguma coisa contra o vilarejo do caçador, em represália. A Rainha conhece o marido que tem, sabe como o conteve por anos e o converteu em um apoiador de causas ambientais. O amor fez ambos superarem as distâncias, de pensamento e atitudes, e hoje ela percebe o quão frágil é a situação.

– Tens razão, minha filha, vamos chamar alguém para investigar o caso.

Quando já se locomoviam de volta à fazenda, avistaram o guarda-bosque caminhando em sua direção, apressado e ofegante. Com o olhar amedrontado e praticamente sem ar, tenta encontrar força para falar-lhes.

– Dona Rainha... e-e-eu... preciso... uma má..., digo, uma notícia eu vim lhe dar. – A voz saiu trôpega e gaguejante, e Saulo tentou se aprumar, para melhor se apresentar.

– Calma, meu rapaz. Já estamos cientes do ocorrido. Precisamos ir ao capitão – disse a Rainha.

– O caçador me enganou, Dona Rainha, e caçou nosso leãozinho.

– Vôti, meu guarda-bosque, acalma tua aflição e vamos agora procurar o Capitão.

A vila

A chegada de Dona Rainha e de Yasmin à Vila causou alvoroço, pois todos já sabiam das notícias sobre o Leão. Chegaram à delegacia, acompanhadas pelo guarda—bosque. O Capitão as aguardava.

— Boa tarde, Capitão. Já sabes das tristes notícias. — disse Dona Rainha, estendendo a mão para o capitão, como cumprimento. — Nosso Leão corre grande perigo, e esperamos que ele ainda se encontre vivo.

— Dona Rainha, já estamos com guarnições prontas para pegar o caçador e já temos pistas do Leão. Ele está em segurança, apesar de ferido — relatou o Capitão.

— O senhor faça o favor de organizar uma tropa para encontrá-lo. — Dona Rainha deixou escapar um suspiro de alívio, pois pelo menos não tinha ocorrido o pior. — E envie a tropa inteira para buscar esse caçador malvado e colocá—lo na prisão. Não há espaço para brutalidade assim em nossas terras.

— Dona Rainha, estamos todos já preparados e sairemos imediatamente para cumprir nossa missão. Vamos prender o caçador, que usou de traição com o guarda—bosque. Já sabemos que ele atirou em nosso Leão.

O Capitão já havia sido informado de que o Leão estava recebendo os primeiros socorros pelos indígenas, e que também contou com a ajuda de Diana. Isso pelo menos o tranquilizou, pois a tarefa de encontrar o Leão seria dura. Mas ainda estava preocupado em como encontrar o Caçador, pois esse, também conhecedor da Floresta do Sertão, poderia estar escondido em qualquer buraco de tatu; poderia ter feito um esconderijo com folhas e galhos, o que tornaria impossível encontrá-lo. Assim, não titubeou em chamar seus soldados e pedir que trouxessem à sua presença a indígena Tuxaua, para pedir sua ajuda.



Tuxaua e o Capitão

Os soldados saíram aos tropeços e foram encontrar Tuxaua em sua aldeia. Ao compreender a necessidade de ir ao encontro do Capitão, Tuxaua seguiu rapidamente e levou consigo os guerreiros mais fortes. Ela e o Capitão possuíam um laço de compromisso, e ambos sabiam que o tempo deles ainda teria que esperar. Assim, apoiavam mutuamente na preservação da floresta e na delimitação dos espaços para o povo da Vila e para o povo da floresta.

– Pronto, meu querido Capitão, estou à disposição. Os soldados já me adiantaram do que se trata, mas gostaria de ter mais informações. – disse Tuxaua, ao se aproximar do Capitão, com os olhos fixos nos dele.

– Você conhece a Floresta do Sertão como a palma da sua mão – disse o Capitão, segurando e acariciando as mãos de Tuxaua, sem se dar conta que estava sendo observado atentamente por Dona Rainha. – Preciso de sua ajuda e a de seus irmãos para capturar o caçador, que usou de traição e atirou em nosso querido Leão – completou, um tanto constrangido quando percebeu que estava sendo observado por todos.

Tuxaua faz um sinal com a cabeça e entraram no recinto seus irmãos Ecoema, Paranga e Piapotira, que aguardavam no pátio, do lado de fora da delegacia. Assim que se colocaram ao lado da Tuxaua, pronunciaram algumas palavras de origem indígena:

– Cariua catu, Apiacá, Apé. – disse Ecoema.

– Sobre o que ele está falando? – perguntou o Capitão.

– É sobre um Cariúa um homem branco que foi avistado na floresta. Nossos irmãos ficaram desconfiados dele, pois estava o tempo todo com sua espingarda carregada – respondeu Tuxaua.

– Mas vocês têm alguma ideia de onde ele poderia estar? – perguntou a Rainha.

– Pelos rastros deixados, temos uma ideia sim. Não se preocupe, Dona Rainha. Faremos tudo que estiver ao nosso alcance para encontrá-lo. – completou Tuxaua.

– Muito agradecida, Tuxaua. Somos gratos pela excelente convivência e por podermos contar com vocês. – disse Dona Rainha. – Por favor, transmita essas palavras aos seus irmãos. Antes de os três saírem, Piapotira, o índio mais forte, se volta a todos e diz.

– Morubixaba! landé Tupi! (Cacique, nós somos Tupi)

– Querido Capitão, como sempre tens minha palavra e a de meus irmãos, que se comprometeram com a busca desse malvado caçador – disse Tuxaua, novamente com olhar fixo no Capitão – Em breve ele estará na prisão – completa.

– Você terá sempre minha admiração – e, de forma que somente Tuxaua conseguia ouvir, acrescentou: “e meu coração.” – Novamente em voz alta, agradeceu: – Obrigado, encantadora Tuxaua!

A Rainha olha de canto de olho para Yasmin, que também havia percebido o clima entre o Capitão e Tuxaua, e as duas trocam um leve sorriso de cumplicidade, enquanto Tuxaua e seus irmãos saem rapidamente, cantando um canto de guerra, à procura do caçador.



CABOCLOS GUERREIROS

*Nós “semos” caboclos guerreiros,
E da guerra nós viemos.
Viemos prender os caçadores,
essa ordem nós trazemos.*

*Olhem lá, “meus” caboclo, prestem muita atenção:
levo na espingarda bala, na patrona munição!*

Tuxaua e seus irmãos guerreiros seguiram o rastro do caçador e não demoraram muito a encontrá-lo e estranharam o fato de o caçador realmente não estar se escondendo. Ao se aproximarem, de arco e flecha na mão receosos de que o homem pudesse pegar sua arma e atirar neles, encontraram o caçador muito frágil, com aparência abatida e enfraquecido. Tuxaua se aproximou, ainda temerosa da reação, mas ao observar o caçador de perto, viu que estava sem condições sequer de se manter em pé. O caçador olhou para ela, com olhos de súplica, e relatou toda sua história.



A fada da floresta

Tuxaua estava sentada na aldeia, rodeada por crianças, quando Diana chegou, com alguns medicamentos para o Leão. As duas se abraçaram e conversaram enquanto o pajé aplicava os medicamentos novos no Leão, que estava sedado, junto com os rituais xamanísticos característicos dos povos indígenas. Ele sempre conversava com Diana sobre isso e relatava que, para se curar, toda ajuda precisa ser aceita e bem-vinda. Tuxaua compreendeu as razões para o então pescador se transformar no caçador. A desesperança e o desassossego reinavam na alma do pobre homem, e o fizeram ficar frio para a vida, ao perder a esposa e ao se sentir incapaz de cuidar da única filha, que havia ficado completamente cega pouco antes da mãe falecer.

– Diana, foi bom termos conversado. No final, temos vítimas aqui: um pobre bichinho que nos adotou como família e um pobre homem amargurado e com medo da vida – constatou Tuxaua, ao final da conversa com Diana.

– Sim, Tuxaua. Por isso temos que preservar ambos e evitar que o equilíbrio de nossa convivência seja quebrado pela ira do coronel, caso esse Leãozinho venha a morrer – alertou Diana.

– Você é nossa fada, querida amiga. Que bom que está a olhar por nós – disse sorrindo Tuxaua.

– Uma fada que não tem poderes mágicos, mas que se escora na ciência, não se esqueça – disse Diana.

– Mas não só a ciência dos homens da cidade grande, mas também a ciência dos ancestrais. Aprendi muito com seu pai, querida Tuxaua, e vi você nascer. Aliás, participei de sua primeira aparição neste mundo – completou Diana sorrindo, antes de abraçar Tuxaua novamente.



A caçada ao caçador

O forte índio Paranga, irmão de Tuxaua, foi em missão até o Capitão para comunicá-lo sobre a localização do caçador e também dizer que este estaria sem condições de andar e debilitado. Paranga se movia rápido pela Floresta do Sertão, com destino à Vila, tal qual o felino suçuarana.

O Capitão recebeu a notícia com surpresa, mas fez o indicado por Tuxaua. Pediu então para Paranga conduzir seus homens até o local onde se encontrava o caçador. Mas indicou para os soldados levarem, além de arma e espada, uma maca. Os soldados se olharam sem entender muito bem a situação, mas obedeceram e saíram cantando:



A CAÇADA AO CAÇADOR

Soldados:

*Vamos indo companheiros, vamos, vamos devagar,
Vamos com a espada na mão prontos para guerrear
Vamos indo companheiros, vamos, vamos devagar,
Vamos com a maca na mão prontos para resgatar.*

*Aqui chegamos com alegria, com prazer no coração
Vamos prender o caçador na Floresta do Sertão*

*Vamos indo companheiros, vamos lá ver o que há
Vamos com a espada na mão prontos para guerrear*

*Vamos, vamos companheiro, vamos indo devagar
Vamos com a maca na mão prontos para resgatar.*

*Aqui voltamos com alegria, com prazer no coração
Pois tá preso o caçador que agora vai lá pra prisão.*



O caçador foi resgatado e levado primeiro para receber os primeiros socorros, na Vila, e logo em seguida foi levado para delegacia, onde o capitão imediatamente lhe deu voz de prisão.

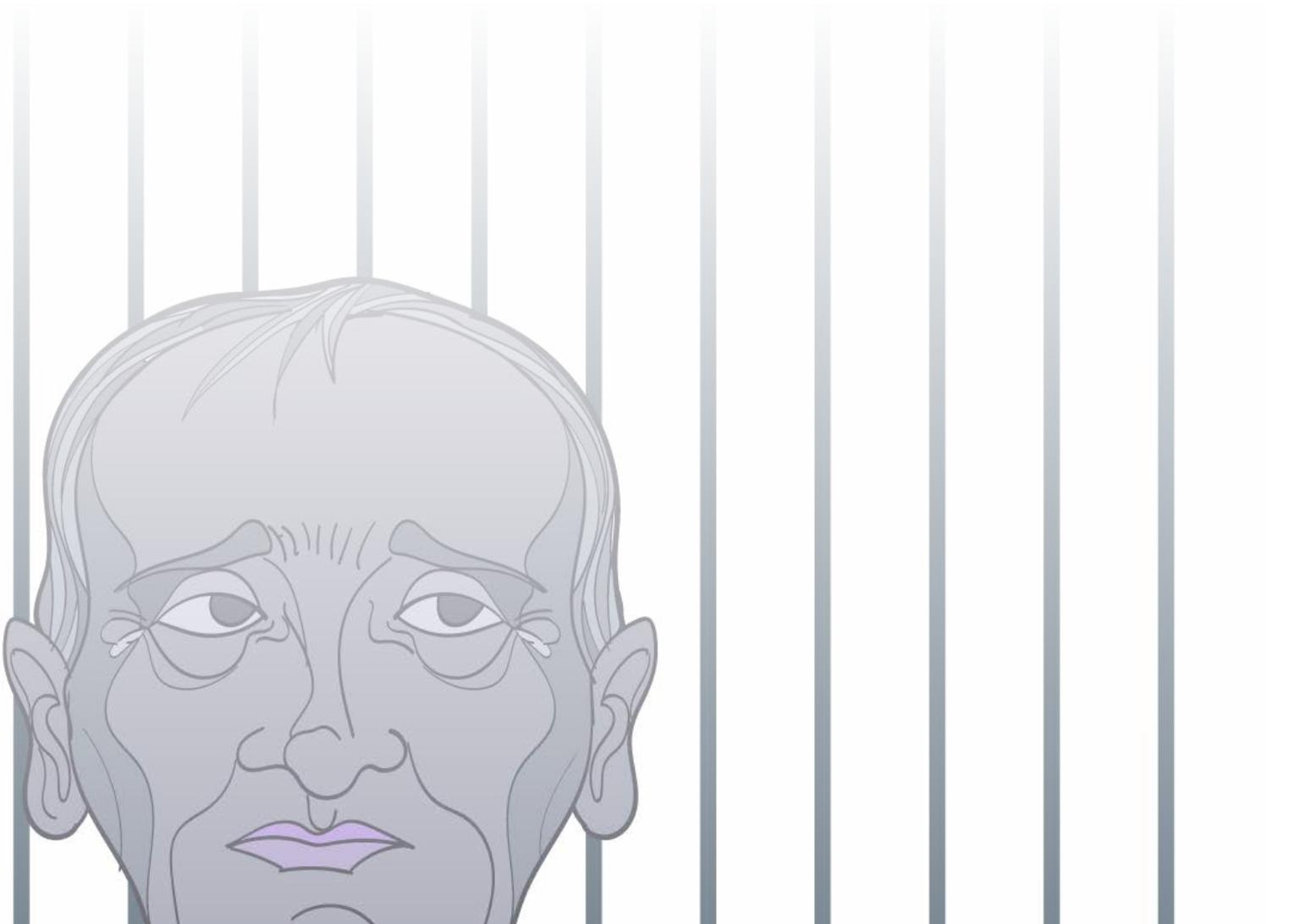
—Esteja preso, caçador de profissão! — disse o Capitão.

—Capitão, estou arrependido e digo que não matei o Leão— respondeu o caçador.

—A prisão é para arrependidos também, senhor.

—Eu aceito a punição, Capitão, mas por favor, avisem minha filha. Ela não sabe que estou preso, muito menos que fui o malvado que atirou no Leão. — disse o caçador, com voz embargada e visivelmente transtornado ao imaginar sua filha recebendo a notícia. — Qual tristeza a minha, nobre senhor, de saber que talvez nunca mais minha filha queira saber de mim. Que vida eu escolhi!

O Capitão olhou intrigado para o caçador, por um tempo, e se perguntou o que teria acontecido, pois geralmente os caçadores são atrevidos e malvados, e aquele realmente se portava como alguém que havia se arrependido pelo mal cometido. Chamou um dos soldados e pediu que fosse até o outro vilarejo, para comunicar à filha do caçador sobre sua prisão.



A história de Esmeralda

Esmeralda perdera a visão aos dez anos de idade. Tinha uma doença que se acentuou a partir de seus oito anos, e foi sua mãe que a ensinou como deveria "ver" o mundo quando não mais pudesse enxergar. Seu pai dizia sempre que eles iriam conseguir recursos para se mudar para a cidade grande e colocá-la em uma fila para transplante de córnea, mas isso nunca foi possível.

O pai trabalhava desde sempre como pescador, porém não estava mais conseguindo recursos suficientes para a manutenção do dia a dia. Tudo piorou quando a mãe adoeceu com malária, e faleceu em pouquíssimo tempo. O pai ficou praticamente maluco com a situação e enveredou para a bebida, além de se envolver com pessoas novas no vilarejo, que o haviam convidado a se embrenhar na floresta para caçar também, e isso estava rendendo a eles bons trocados.

A jovem criança não tinha muito com quem conversar, mas aprendeu a fazer todas as tarefas domésticas com destreza. Sua mãe sempre lhe ensinou a lidar com a deficiência, para que pudesse, sozinha, executar as tarefas de casa. Era ela quem cuidava da casa, mesmo sem enxergar, enquanto o pai cuidava do sustento, ou pelo menos tentava. Quando Diana chegava no vilarejo, a primeira casa que visitava era a da menina, e por lá ficava uma boa hora, sabendo das novidades e orientando a jovenzinha nos cuidados com a saúde, com a higiene e, também com a educação.

Quando o soldado bateu à porta e se identificou, logo pensou que algum mal poderia ter acontecido a seu pai, mas o soldado assegurou que ele estava bem, mas que havia cometido um grave crime e estava na prisão. Esmeralda, mesmo chorosa e com a surpresa da notícia, pediu para que o homem da lei a conduzisse até a prisão, para que pudesse estar com seu pai. Ao chegar na prisão e tatear pelas grades da cela, pouco a pouco percebe o tato o pai, que a observa com o coração despedaçado.





A FILHA DO CAÇADOR

Esmeralda:

*Estava dormindo sonhando, esta é minha devoção
Quando encontrei com meu pai, nessa horrível prisão.
Deus, de lá das alturas, tenha de mim compaixão
Mandai uma criatura tirar meu pai da prisão.*

Diana havia chegado à delegacia nesse momento e se dirige para Esmeralda, com olhar maternal.

– Não se entristeça, minha criança. Tranquelize seu coraçãozinho. – disse Diana, entrando na delegacia.

– Querida Fadinha, obrigada por ter vindo ao nosso encontro. – exclamou Esmeralda, com voz pequenina.

– Ouvi o seu lamento, criança, e sei que seu pai não fez o que fez por maldade. Vou ajudar, pois a verdade há de prevalecer. – Ao dizer isso, se voltou para o guarda–bosque, que a observava de soslaio.

– Oh, Fadinha, como estou agradecida! Por favor, tira-me dessa aflição! Meu pai é bom homem e está arrependido de ter atirado no Leão. – Ao dizer isso, Esmeralda entra em prantos.

– Sempre foi pescador, e se meteu com o que não devia.

Não temos recursos, mas farei o que puder para ajudar meu pai.

– Doce menina, compreendo sua aflição. Vou ajudar, mas antes preciso falar com seu pai. Já enviei um chamado ao advogado, para que possa representá–lo e tirá–lo da prisão. Vou te levar para casa primeiro e depois retorno para cá.



A prisão

Após a saída de Diana e Esmeralda, o guarda-bosque Saulo se dirigiu ao caçador, e lançou a ele um olhar de desaprovação total. Não havia se convencido do arrependimento do caçador e pensava que tudo aquilo não era mais que um teatrinho do homem para tentar se livrar da prisão. O caçador se encolheu em um canto da cela; nesse momento o guarda-bosque foi até a porta da cela, não escondendo a raiva por ter sido enganado.

– Pensa que me engana? – disse o guarda-bosque – Não acredito em uma única palavra que sai de sua boca.

– Você é jovem, meu rapaz. Julga somente com os olhos, e não vê a escuridão que pode se apossar das almas de gente de bem - sussurrou o caçador, com o rosto virado para a parede.



O CAÇADOR NA PRISÃO

Caçador:

*Sou um pobre caçador
Vivo desta profissão.
Hoje aqui eu estou preso nesta mata do sertão.
Meu Deus, de lá das alturas, que tenha pena de mim.
Me mande uma criatura vir me tirar da prisão.*

Guarda-bosques:

*Eu sou o guarda desse bosque, trabalho com atenção.
Trabalho dia e noite aqui, com ordem de meu patrão.
Eu sou o guarda desse bosque, procuro dar proteção.
O "marvado" caçador, aqui, hoje usou de traição.
O "marvado" caçador hoje está na prisão.*



O encontro

Diana retornou à prisão no momento em que ocorria a tensa conversa entre o caçador e o guarda-bosque. Sem se deixar avistar por esse último, aguardou sua saída e rapidamente foi falar com o caçador. A visão a entristeceu, pois percebeu o arrependimento, mas também compreendia que todo o mal foi causado por ele próprio e que, por isso, não deveria se lamentar assim. O caçador a olhou e se lembrou de que fora a última figura que viu antes de desmaiar, na Floresta.

– Você veio, Fada. Que vergonha eu trouxe para essa existência! - murmurou o caçador, com olhar enfraquecido, para Diana.

– Sim, querido amigo. É importante se reerguer - disse Diana.

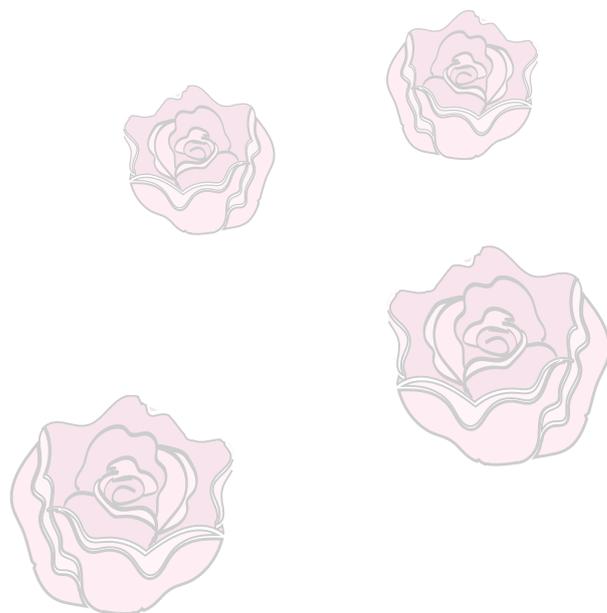
– Você aparece nos momentos que mais precisamos. Nossa Fada Singela, luz do mundo, alegria para o coração - disse o caçador, lembrando-se das palavras de sua saudosa esposa, quando se referia a Diana.



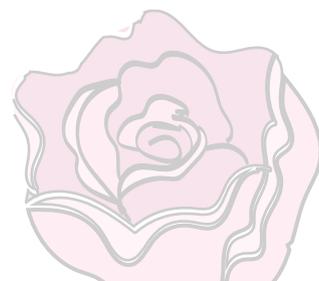
UM CHAMADO DE LUZ

Fada Diana:

*Eu sou a fada singela
E venho lá do sertão
Por que choras, caçador,
Nessa horrível prisão?
Estava dormindo, acordei-me
Com um chamado de luz
O santo que me chamava
Santo nome de Jesus.*



Emocionado com a presença de Diana, o Caçador, antes desolado, conseguiu expressar um lampejo de paz em seu semblante. Diana confirmou a ele que acreditava em seu arrependimento, pois no exato momento em que ele poderia ter dado o tiro fatal no animalzinho, não o fez.



– Eu me perdi por um tempo, querida Fadinha - disse o caçador. - Mas me reencontrei no momento decisivo. Me arrependo de todo o mal que causei.

– Tal pensamento é um bom recomeço, caro amigo. Vamos tentar resolver um passo de cada vez. - disse Diana, no momento em que entram pessoas da comunidade da delegacia.



A SINA DO CAÇADOR

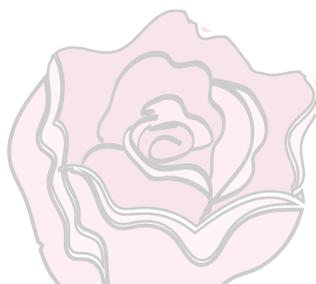
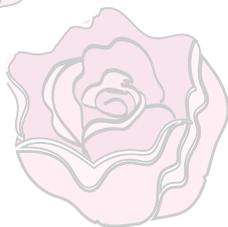
Caçador:

*Minha fadinha querida, prenda do meu coração.
Se tu tens pena de mim, me tires desta prisão.*

Coro:

*Não chores, ó caçador; demonstraste
compaixão.
Mas feriste o nosso Leão - e agora
pagas na prisão.*

*Não chores, caçador, não chores.
Tu já estás arrependido.
Tu vais pagar na prisão e não serás
atrevido.*

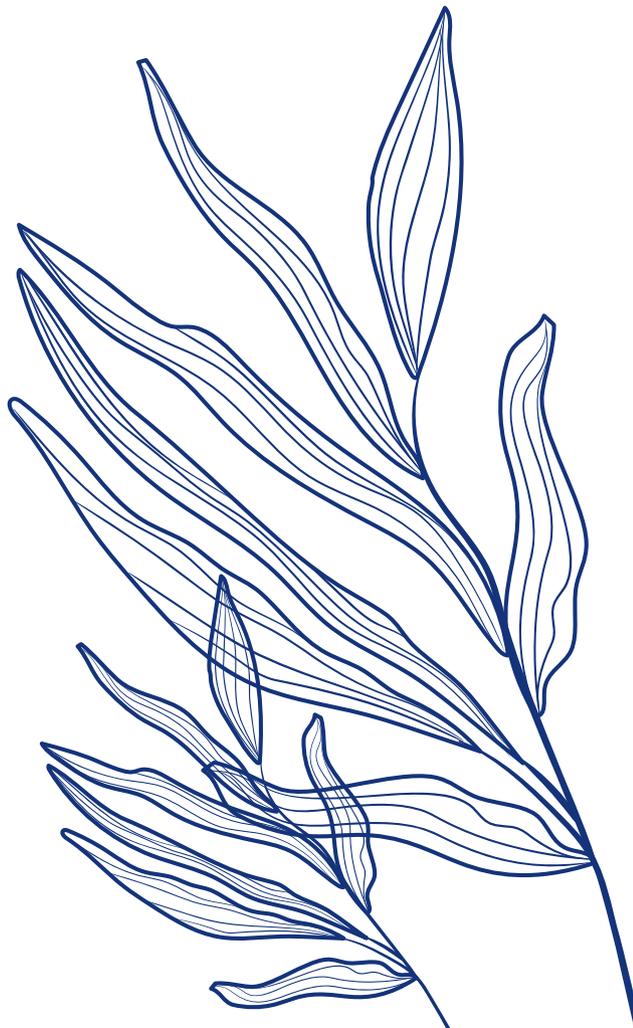


O senhor botinas

Diana, teria que fazer o possível para tirar o caçador da prisão. "E sabia que isso seria por Esmeralda, tamanha a dor sentida pela menina tão desamparada e que tem no pai seu ponto de apoio e sustento."

E para ajudá-lo em tarefa tão complexa, poderia contar com o apoio do advogado de seu pai, homem com a cabeça nas leis e nas regras, um pouco acima do peso e comilão, mas com bom coração. Era justo e se preocupava com as questões do povo. Ela enviou uma carta ao Dr. Irineu Silva Botinas, o melhor advogado de que se tinha notícia na cidade grande. O Dr. Botinas não poderia deixar de atender ao chamado de Diana, pois desde que ela partiu de Belém, nunca mais a tinha visto. E lembrava de sua formosura, inteligência e sabedoria com as coisas da vida. Não poderia deixar de atender a querida moça, filha de seu melhor amigo.

A carta lhe instruiu a ir à Vila, próximo à praia do Marahu e da Floresta do Sertão, e adiantava a situação complicada em que se havia envolvido um caçador, pescador de profissão, que precisava de seus serviços. Como se tratava de uma emergência, partiu logo na manhã seguinte.



O advogado e o capitão

Ao chegar à delegacia, o advogado se apresentou aos soldados e pediu para falar com o Capitão, que foi prontamente atendido. O capitão estava engraxando seus sapatos quando entrou em sua sala um homem de meia-idade, um tanto ou quanto roliço, com farto bigode e impecavelmente vestido.

– Bom dia, Senhor Capitão. Venho da capital e gostaria de saber quais as razões para meu cliente, esse pobre caçador, se encontrar em sua prisão.

Com tamanha arrogância no ar, pela forma de falar, logo o capitão se preparou para a réplica. Percebeu que teria que se apumar primeiro, pois de fato era um advogado da cidade grande. Não se tratava de um falastrão, mas de um advogado turrão.

– Senhor advogado, primeiro vosmicê poderia me dar o ar de sua graça, por obséquio? – perguntou o Capitão, encolhendo a barriga, e estufando o peito.

– Irineu Silva Botinas, ao seu dispor – disse o advogado, em tom atencioso.

– Muito bem, Seu Sapatos... – ao dizer isso, o próprio Capitão pensou no que estava fazendo, pois acabou caindo em um pensamento cruzado. Pensou em se desculpar, mas já era tarde.

– Dr. Botinas, por favor, "Sr. Tenente" – replicou imediatamente o advogado, com um meio sorriso debochado no rosto.

– É Capitão, Dr. Botinas, é Capitão! – respondeu com os olhos arregalados o capitão, mas sem condições de ir além na reprovação. – Muito bem, Dr. Botinas, o motivo dessa prisão foi por causa de uma traição. O caçador entrou na Floresta do Sertão, enganou o guarda-bosque, usou de traição e foi caçar o Leão, que é de estimação.

– Hum..., mas, Capitão. – o advogado olhou fixo para o Capitão. – Gostaria de ver os documentos que comprovam que o Leão era de estimação, visto que a resolução proíbe que um animal desse porte seja considerado de estimação, e nesse caso deveria estar com identificação, e registrado na 456ª vara cível, nos art. 143, 156, 189, 435 e... 234.

– Mas, mas... – ficou perplexo o Capitão, que nunca lera nenhuma resolução, ou seja lá o que for. – Aqui não seguimos essa resolução, seguimos ordens – completou, mas já com medo do que viria a seguir.

– Capitão, observo que de prova não tem nada. Assim, peço que dê soltura a esse pobre caçador que

está arrependido, sofrendo nesta prisão. — Dr. Botinas já observava que, de regramento, o Capitão não sabia nada de nada.

O capitão já estava vermelho igual urucum, e pronto para partir para cima do advogado, quando vociferou ao ilustre visitante:

— Advogado feito a batente, se não calar a boca, quebro-lhe os dentes — berrou o Capitão.

O advogado, que de lei conhecia um trago, e era robusto na palavra, retrucou.

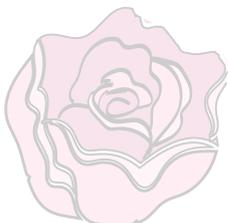
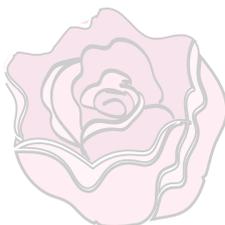
— Quebra os dentes você fala para a sua guarnição. Se você não calar a boca, eu é que mando você para a prisão.

O clima entre Capitão e advogado estava mais tenso que final entre o Remo e o Papão, e foi necessária a intervenção dos soldados, que assistiam a tudo tomando um tacacá e tiveram que apartar às pressas o imbróglio iminente. Quando os ânimos se acalmaram, o capitão resolveu dar o passo de conciliação.

— Senhor Dr. Botinas, vamos resolver a questão e para isso nos dar as mãos. De nada adianta termos muito a falar, se não encontrarmos sugestão para esta questão acabar.

— Capitão, o senhor tem razão. Vamos chegar a uma conclusão e encontrar uma forma de ajudar também o Leão. Tenho uma sugestão, vamos encontrar quem cure o animal.

— Concordo, Senhor Dr. Botinas. Se conseguirmos alguém para curar o Leão, o caçador poderá ficar livre da prisão. Como está arrependido, não precisará ficar detido.



O pajé e a fada

Na aldeia figura de maior respeito não há, pois apesar do cacique ser o chefe da tribo, nem ele e nem o guerreiro possuem o contato com o mundo invisível. O Pajé vê o que não é visto, cura o que parece não ter cura, orienta os desorientados. Todos o procuram para saber das coisas.

O Pajé já se preparava para um ritual xamanístico, como parte dos procedimentos da pajelança, para tentar manter o Leão vivo. Ao iniciar o ritual, a fumaça começou a tomar conta do espaço e, pouco a pouco, nada mais se via. Nesse momento, o pajé quase caiu da cadeira ao ver a fumaça tomar a forma de uma figura feminina, até perceber a silhueta de sua amiga de longa data, Diana, trazendo consigo mais medicação da cidade grande.



A FADA DIANA

Diana:

*Eu sou fada das estrelas, sou linda a vida inteira,
até no meu cantar.*

*Eu venho lá do meu sertão,
Salvar esse Leão e o caçador lá da prisão.*



– Senhora dama da floresta, minha guia e consoladora, aquela que está além do véu, a que me mostra o caminho, aquela que nunca nasceu e sempre viveu. Oh dama dos conhecimentos eternos, oh senhora que nos protege... – fala o Pajé, baforando fumaça do cachimbo e dando passos de uma dança típica.

– Deixa de blá-blá-blá, homem, e me ajuda aqui com esses medicamentos. Precisamos fazer medições no Leão, para saber de sua saúde. – afirmou Diana, deixando as sacolas ao lado da rede, onde o Leãozinho estava ainda desacordado.

– Temos que virar o bichinho para que possa aplicar essa medicação, Diana. Vou chamar alguns guerreiros, pois o animal pesa mais que um boto – constatou o Pajé.

Diana concordou com a cabeça e começou a examinar o Leão, que havia sido atingido por um tiro quase letal. Sabia que, na aldeia, o animal seria bem tratado, até que fosse possível ter uma ajuda mais efetiva. E ela própria estava disposta a dedicar todo o seu conhecimento para tentar salvá-lo.

– Diana, como ele está? Tenho feito o que é possível aqui... – disse o Pajé, que reconhecia na Fada uma pessoa altamente qualificada para tudo o que se referia ao corpo, humano e animal. Ela podia ver, ela sabia. Era como se enxergasse além da pele, além dos ossos.

– Perdeu muito sangue; tive que aplicar ervas e medicação pesada, que tinha em minha casa, mas você sabe que confio mais em ti nesse momento. – disse Diana, se voltando ao Pajé com ar de agradecimento.

– Obrigado, Senhora. Nos admiramos sempre de você intendê a cura pela natureza e juntá o conhecimento dos "homi" da cidade. Nós somos mais simples, mas sabes que farei o possível para manter o bichinho vivo. Ele está muito fraco. Uma centelha de vida ainda resta, mas, confesso que tô mais "aguniadu"que filhote de mucura em dia de chuva.



Uma conversa de graúdos

O advogado soube por Diana que o Leão estava vivo, mas à beira da morte na Floresta do Sertão, aos cuidados do Pajé. A única saída para tirar o caçador da prisão seria encontrar uma forma de curar o bicho. O advogado havia pedido ao Capitão que enviasse com ele um pelotão de soldados, mas o capitão não atendeu, e mandou chamar Tuxaua para guiar o advogado pela floresta, para irem ao encontro do pajé.

– Boa tarde, Pajé. Sou o Dr. Bot...

– Eu sei quem cê é, fio. Num carece de apresentá sua graça – disse o pajé com olhar fixo no visitante com cara de lua. – A Fada disse que vosmicê viria. – E nesse momento, o pajé se volta para um canto da oca – Ali na rede está o nosso Leão... não está nada bom.

– Pajé, me diga com sinceridade, o Leãozinho conseguirá sobreviver? – pergunta.

– Tô fazendo o que posso, com o apoio de nossos ancestrais que me orientam nas “erva” que utilizo, mas nosso Leãozinho não está nada bem - disse o Pajé, com o olhar sério e preocupado. – É forti, mas foi pego em cheio. Posso dizê que meu trabaio aqui é não deixá o animarzinho morrê, mas ele precisa de um cuidado que só pode sê encontrado no mundo dî vosmicê.

Logo após se dirigir ao advogado, o Pajé caminha até cestos e pega um pouco de banha do mucuim, o cigarro de palha, as penas de aves, o maracá e uma cachaça. Em seguida, volta-se para o Leão para fazer o serviço, proferindo palavras mágicas.

– Eu te benzo, eu te seguro, com um cadinho de erva de aninga eu te curo. E, também, com o chazinho de tracuá, que é pra tomá e ficá bonzinho. E para ele se alegrá, uma cachacinha eu vou lhe dá – e o Pajé, após dar a bebidinha ao Leãozinho, toma um golinho também.

– Pajé, com todo o respeito com sua pajelança, eu tenho uma sugestão. Vou chamar um doutor especialista que tenho na lembrança, para salvar este Leão – disse o Dr. Botinas, com o pensamento em um jovem veterinário amigo seu.

– É, cumpadi, vosmicê tem razão, eu inté ajudo, mas vejo que não posso curá, no estado em que o Leãozinho está. Isso não é pra mim. – O Pajé, agora com um olhar taciturno para o Leão, se volta para o advogado e completa; – Mió chamá rápido esse dotô da medicina, pois assim o bichinho tem mais chance dî miorá e seu trabaio vai ajudá a tirá o caçador da prisão. – E voltando-se para o advogado, diz com olho arregalado: – E inda vi que esse Leãozinho “tá” com a bala no “culhão”!

Um amor do passado

O senhor Botinas estava ao mesmo tempo aliviado, por saber que o Leão estava vivo, e preocupado, por ter dúvidas se conseguiria acionar algum veterinário a tempo de salvar o bicho. Não seria tarefa fácil encontrar alguém que pudesse vir à Ilha prontamente, mas ele tinha em mente uma pessoa. E nesse caso, precisava consultar Diana antes.

– Então, querido Irineu, como ele está? – perguntou Diana. – Eu tentei tudo o que pude, em um primeiro momento, e penso que isso ajudou a estancar o sangue e aguardar até a chegada do Pajé, mas depois vi que nem ele poderia ajudar, pelo grau dos ferimentos.

– Sim, minha doce menina, você aplicou bem seus conhecimentos. Quiçá um dia pudesse voltar à cidade, e retomar seu consultório, ou mesmo voltar a trabalhar com seu pai. Ele iria... – O Dr. Botinas parou de falar quando observou que isso mudou o comportamento de Diana.

– Por favor, querido amigo, não vamos entrar nessas questões agora. Aqui eu sei que sou mais útil, mesmo que não tenhamos equipamentos ou uma assistência mais rápida, como nesses casos. Mas me sinto integrada a essa vida, e posso ajudar de forma direta. – disse Diana, visivelmente incomodada com o assunto surpresa.

– Mas, querida Diana, percebi que eles a veem como uma fada realmente. Entendo que todos te chamavam assim, por sua incrível capacidade de saber lidar com os pacientes e enfermos, mas esse povo aqui pensa que você possui poderes sobre-humanos.

– Querido amigo, não me importo com o que pensam, mas sim com o que posso contribuir para a qualidade de vida dessa gente. E hoje me sinto realizada pelo simples fato de poder conhecer mais sobre as ervas, as plantas, os cipós e poder unir tal conhecimento ao da medicina tradicional ocidental. O conhecimento dos ribeirinhos e dos indígenas é maravilhoso, e sei que é possível uma conciliação com a ciência - disse Diana, em tom harmonioso.

– Bom, doce criatura, vamos aos fatos sobre o Leãozinho. Compreendi toda a situação, pois sua recuperação precisa ocorrer antes que algo pior possa acontecer. - disse Dr. Botinas. E continua – O coronel ainda não sabe do ocorrido, pois está em viagem, e sua esposa, Dona Rainha - assim todos a chamam - está muito nervosa...

– Sim, é disso que tenho medo... de um fato como esse poder colocar a perder todo o bom convívio entre os povos ribeirinhos, os moradores da Vila e da Praia, os indígenas e os capangas do coronel. - explica Diana. - A Rainha está nervosa, mas ainda acredita que o Leão será salvo, e a filha, Yasmin...

– A que todos chamam de Princesa?! – pergunta o Dr. Botinas.

– Sim, essa - afirmou Diana. – Ganhou esse apelido do próprio pai, que "pedia" a todos para chamá-la de Princesa Yasmin. Ela está praticamente sem comer, com a simples ideia de não poder mais ver o Leão. O coronel trouxe da África esse Leão ainda filhote, e Yasmin cuidou dele quase até o bicho ter porte grande. Tive que fazer um trabalho longo com eles, para explicar ao coronel, à Rainha e à filha a necessidade de se deixar o Leãozinho em uma reserva, que seria melhor para ele do que ser tratado como bichinho de estimação em casa, um lugar onde poderia ser um bicho solto e de estimação de todos, pois o Leão nunca atacou ninguém. Os próprios indígenas cuidavam para que fosse alimentado naturalmente.

– Compreendo. Bom, a solução precisa de sua concordância... – disse o advogado, olhando fixamente para Diana, tentando ler sua reação.

– Como assim? – perguntou Diana, com surpresa.

– A única forma de termos um veterinário aqui rapidamente é chamarmos o Dr. Maranhão. - afirmou de uma só tacada para que não restasse dúvida para Diana.

Diana sentiu o coração bater mais forte, como que querendo saltar do peito. O Dr. Felipe Maranhão foi seu namorado, dos tempos de faculdade de medicina, e ele havia optado por ser médico veterinário. Sempre se deram muito bem, mas não concordavam com o rumo que Diana queria dar à sua carreira, com a medicina natural em conjunto com a medicina tradicional alopática. As discussões foram se tornando maiores e o distanciamento se deu quando o Dr. Felipe foi convidado a montar uma clínica em São Luiz do Maranhão. Daí, quando Diana soube que ele iria para outro Estado, antecipou sua saída de casa e nunca mais falou com Felipe.

– Ele está em Belém? – perguntou Diana, ao que o Sr. Botinas apenas acenou positivamente com a cabeça. Diana concordou que a situação merecia tal decisão e autorizou o Sr. Botinas a chamar Felipe, o Dr. Maranhão.

O reencontro

O dia estava raiando; havia chovido na noite anterior e as gotas da chuva ainda estavam nas plantações e na floresta. O ar exalava uma mistura de doce e de terra, e a temperatura subia gradualmente. Felipe chegou cedo, tão logo se inteirou de toda a situação. Não tinha dúvidas de que era necessário ajudar, mas tinha receio de ser tarde demais, visto já terem transcorrido alguns dias do ocorrido. Não conseguia imaginar também qual seria sua reação ao estar novamente com Diana.

Eram apaixonados um pelo outro, e ambos sabiam disso, mas o orgulho que nutriam por seus pontos de vista, com relação às suas profissões, se tornou o maior obstáculo para que pudessem ficar juntos. Quando recebeu o convite para montar sua clínica, tentou convencer Diana, porém a jovem médica encarou a situação como um sinal de que eles não podiam mais continuar como noivos. Felipe nunca se perdoou por isso, pois até o dia anterior, não sabia do paradeiro de Diana.

– Meu estimado Dr. Maranhão, que prazer revê-lo! Agradeço imensamente sua pronta colaboração. Confesso que já esperava algo assim do filho de meu querido amigo Dr. Genivaldo Maranhão, seu pai – disse sorrindo o Dr. Botinas, logo pela manhã quando foi esperar o Dr. Maranhão, na chegada.

– Que isso, Sr. Botinas, não faço mais do que minha obrigação em atender ao amigo e à minha... amiga Diana. E por falar nela, quando poderei encontrá-la para...

Antes que Felipe terminasse a frase, quase esqueceu como se deveria pronunciar o nome das coisas. Sua voz emudeceu, seus olhos brilharam, seu coração disparou, tudo ao mesmo tempo, no momento em que a viu descer do carro. Estava mais bela do que nunca e tinha um ar diferente; estava leve e parecia que brilhava... não conseguia articular qualquer som quando ela o tocou.

– Felipe, você está bem? O que houve? Ficou pálido de repente? De doente já basta um Leão – disse Diana, com um leve sorriso no rosto e um imenso brilho no olhar.

Ele a olhou por um momento que pareceu congelar o tempo. Tudo parou ao seu redor e ele pôde observar cada detalhe de seu rosto, de suas mãos, de suas roupas. Até que o Sr. Botinas o cutucou.

– eu-eu-eu-eu queria dizer, isso é, eu vim aqui, para, digo, eu-eu... – uma pausa era necessária – eu vim te ver... – não era isso o que eu tinha que falar – quer dizer, desculpa, eu-eu, eu vim ver o Leão. Isso, e não poderia deixar de atender o seu, quer dizer ao chamado do Sr. Botinas... assim, vim rápido, eu... – Felipe sabia que seu mundo não seria mais o mesmo.

Diana, olhando-o fixamente e com as mãos nas suas, disse carinhosamente: – Obrigada, Felipe. Também estou feliz em te ver.

O Dr. Botinas, percebendo toda a situação e observando que havia uma pequena multidão já aguardando o doutor, rapidamente apressou os dois antigos namorados, e disse em voz alta, para todos ao redor ouvirem:

– Bom dia, Seu Doutor. Agradecemos imensamente o senhor ter aceitado nossa humilde solicitação, e eu vim aqui, em nome de todos da vila, da praia e da floresta, lhe pedir seu trabalho para curar nosso Leão, que está estirado no chão, na aldeia.

– E foi para isso que eu vim! Vamos lá, me levem onde está esse Leão. - falou o Doutor Maranhão, indo ao encontro do povo da Ilha.



O DOUTOR MARANHÃO

Doutor Maranhão:

*Eu sou doutor, sou formado no estado do Maranhão
Venho fazer operação para salvar nosso Leão.*

Coro:

*Venha doutor! Venha depressa, venha ligeiro,
venha fazer operação para salvar nosso Leão!
Venha doutor! Venha depressa, venha ligeiro,
venha salvar o Leão que é de nossa estimação.*



A operação

Tuxaua, que estava também no aguardo da chegada do Dr. Maranhão, acompanhou pequena comitiva até a Aldeia, para o encontro com o Pajé. Os indígenas os aguardavam ansiosos também e fizeram bonita recepção, com cânticos de amizade e boa venturança.

– É uma honra estar aqui, Senhor – Disse Felipe, ao se dirigir ao Pajé. Este acenou com a cabeça, sem emitir nenhuma palavra, e apontou para a Oca principal, onde estava o Leão. Pelo olhar do Pajé, não seria tarefa fácil. Felipe se preparou para a tarefa, e sabia que teria que fazer uma operação improvisada na tenda, pois o Leão de fato estava por uma centelha de vida. Olhou para Diana e ficaram assim alguns segundos, até que ela lhe estendeu a mão e disse:

– Estou com você aqui, você veio ao meu chamado. – disse. Sua voz era veludo e penetrava como um bálsamo em seus ouvidos. – Vou te ajudar no que for preciso – completou Diana, antes de pedir para as pessoas saírem do lugar.

Felipe iniciou os preparativos ao mesmo tempo em que observava Diana, de forma discreta, enquanto ela se movia aqui e ali, organizando as tarefas para a operação. A certeza que lhe havia faltado na juventude, agora sobrava em sua mente e coração. Ele sabia que não ficaria mais longe dela.

A operação não foi tarefa fácil e durou todo o resto da manhã e tarde. Devido a precariedade do local, somente no dia seguinte poderiam saber se o procedimento cirúrgico teria surtido efeito. Fizeram vigília junto ao Leãozinho, e assim, enquanto observavam o bichinho durante a noite, puderam-se também acomodar um no outro, nos momentos de sono. Felipe estava exausto, mas feliz, com sua amada ao seu lado.

A cura do leão

Passaram-se dois dias de vigílias, até que observaram que a operação havia sido um sucesso. O Leão já respondia aos estímulos e abriu os olhos. Nesse momento, Diana pediu a Tuxaua para ir ao Capitão, junto com o advogado Dr. Botinas, para lhe dar a boa notícia, e pediu que fosse transmitida para toda a região, para a vila e para toda a Ilha do Mosqueiro. O Capitão logo se encarregou de enviar um comunicado especial a Dona Rainha e a Yasmin. O padre logo convocou o maestro da banda, para organizar as retretas e a alvorada.

Seria festa por uma semana inteira!

Na Aldeia, o Pajé, observando o Leão, falou para Diana e para o Dr. Maranhão:

– Acho que nosso amiguinho vai se levantar.

O Leão abriu os olhos e observou todos ao redor, um por um, tal qual uma vistoria para saber quem estava com ele durante esses dias. O mais interessante foi quando passou os olhos por Diana e fez uma reverência, tal como se faz para uma pessoa da realeza. A Fada retribuiu. Ao pousar o olhar em Felipe, entretanto, o Leão se aproximou e se deitou, como se estivesse com um dono. Levantou-se novamente e saiu em disparada, em direção a floresta.

A notícia da cura do Leão se espalhou rápido e a alegria se tornou latente em todos. O equilíbrio da vida local havia se restabelecido; afastou-se o medo de um retorno aos tempos em que não se respeitavam os direitos da terra, da preservação da mata, da convivência pacífica e do manejo responsável dos recursos naturais. Quanta coisa de humano representava esse animal! Quantos valores foram preservados pela existência desse Leão!



JÁ VIVEU, JÁ SE LEVANTOU!

Coro:

Já viveu, já se levantou!

Já viveu, já se levantou!

O nosso leãozinho que o caçador atirou! (BIS)

Meus senhores e senhoras, nos preste bem atenção:

O leão está curado, paz e bem neste salão!

Já viveu, já se levantou!

O nosso leãozinho que o caçador atirou! (BIS)

O nosso leãozinho que o doutor já salvou!



A festa na ilha

Na aldeia, o Pajé convidou o Dr. Felipe Maranhão para ficar por mais dois dias, para presenciar rituais e vivenciar o dia a dia. Diana decidiu ficar com ele, para que não se sentisse deslocado. Ela sabia que seria importante ele conhecer os hábitos locais.

Na Vila, o advogado chegou na delegacia com Esmeralda, a filha do Caçador, para tirar o pai dela da prisão.

– Capitão, não preciso dizer que nosso trato está cumprido.

O Leão está curado, e assim peço que liberte nosso homem, pois aqui trago sua filha. Ela precisa dele em casa, e pode ter certeza, bom Capitão, esse homem aprendeu uma lição – disse o Dr. Botinas.

– Você se mostrou pessoa de palavra, Dr. Botinas, e fico feliz com o desfecho positivo desse infortúnio todo – disse o Capitão, já dando ordens com a mão para que o soldado abrisse a cela onde estava o Caçador. – Venha, Sr., não vou chamá-lo mais caçador pois não creio que irá seguir com essa profissão. Venha encontrar sua filha, que aqui veio buscá-lo. – disse, ajudando Esmeralda a se guiar até o pai.

Os dois se abraçam e choram de felicidade. O pai não acreditava que conseguiria sair da prisão dessa forma tão especial; e enquanto abraçava a filha, olhou ao redor, agradecido pela oportunidade de uma nova vida. Nesse momento chegou em frente à delegacia um carro, guiado pelo guarda-bosque, trazendo Dona Rainha e Yasmin. Queriam certificar-se de que as novas e felizes informações eram verdadeiras. O Capitão, ao vê-las, fez sinal para todos os soldados se organizarem tal qual para uma vitória. A Rainha abanou a mão para que parasse com as formalidades e se voltou para Esmeralda e seu pai.

– Doce criança, fiquei tocada com sua dedicação a seu pai, que pagou o preço pelo erro nessa prisão – disse a Rainha, dessa vez voltando-se para o homem. – E você deve, agora, valorizar cada segundo junto a esse ser de luz, que fez de tudo para que você fosse solto.

– Lamento muito, senhora Dona Rainha, todo o mal que causei, e principalmente à sua filhinha também, pois só fui tomar conhecimento da história do Leãozinho depois que cometi o erro – revelou. Virou-se então para Yasmin e disse: – Espero que você possa me perdoar um dia, e olhar também com carinho para minha filha Esmeralda, que nada tem de igual a mim. Ela é pura, inteligente e dedicada. Nunca imaginaria tal malvadeza por parte do pai. Estou muito arrependido.

– Senhor, não tenho raiva e nem guardo mágoa. Minha mãe sempre me ensinou a olhar o lado positivo das pessoas e a deixar o passado de lado – respondeu a Princesa. Ela se voltou para Esmeralda e disse:

– Meu pai me deu de presente um Leãozinho, pois como eu tenho ossos de vidro, ele dizia que o Leão representaria minha força maior: vontade de viver.

– Minha mãe me dizia que eu não sentiria tanta falta de meus olhos, pois eu conseguia enxergar com o coração. – disse Esmeralda, segurando a mão de Yasmin, que tinha se aproximado para conduzi-la para fora da delegacia.

Nesse momento, a Rainha se vira para o pai de Esmeralda e pergunta se ele poderia trabalhar para eles, pois havia uma vaga de guarda-bosque aberta. Saulo passaria a ser motorista da família e, assim, caso ele aceitasse, seria o novo guarda-bosque.

O Capitão acenou positivamente para o homem, para que aceitasse a vaga. E assim ele fez. A Rainha voltou-se para ele e perguntou.

– Senhor, qual a sua graça?

– Emanuel, minha senhora, a seu total dispor – respondeu o caçador, que agora passaria a ser guarda-bosque.

– Obrigada, Sra. Rainha, pela oportunidade que dá ao meu pai – disse Esmeralda, que logo se voltou para a posição na qual seus ouvidos indicavam o advogado. – Obrigada também, Dr. Botinas, por todo o apoio e por acreditar em meu pai.

– Na verdade, querida criança, eu acreditei mais na ciência para a cura do Leão, tão necessária ao retorno do equilíbrio da vida nessa região – retornou o advogado, que olhou para a Rainha e continuou:

– Senhora Dona Rainha, o Leãozinho de sua filha agora está totalmente curado. E, legalmente, nenhum processo teve que ser feito. Mas por acaso, não estaria precisando de algum serviço advocatício?

– Vamos conversar, meu caro Dr. Botinas, vamos conversar – disse a Rainha.

No início da rua, chegavam também à vila a índia Tuxaua, junto com Diana e o Dr. Maranhão. O olhar do Capitão brilhou ao avistar a Tuxaua, e de forma desajeitada procurou um pretexto para ir ao encontro dos visitantes. A Rainha logo percebeu e disse, em alto e bom som, pois voz é o que não lhe faltava:

– Meu povo da Ilha, vamos dar uma festa. E vai ser hoje, em homenagem ao nosso querido Leão de Estimação – já falou cantando a Rainha, com linda voz.

Nesse exato momento, ouviu-se ao longe, na Floresta do Sertão, algo que parecia um uivo; e pouco a pouco foi tomando a forma de um urro de animal. Todos se olharam e vibraram. Era o urro do Leão. Era inconfundível, e Yasmin sabia disso. Ela chegou na varanda da delegacia e gritou:

– Mãe, Meu Leão Urrou!!!!!!!!!!



MEU LEÃO URROU!

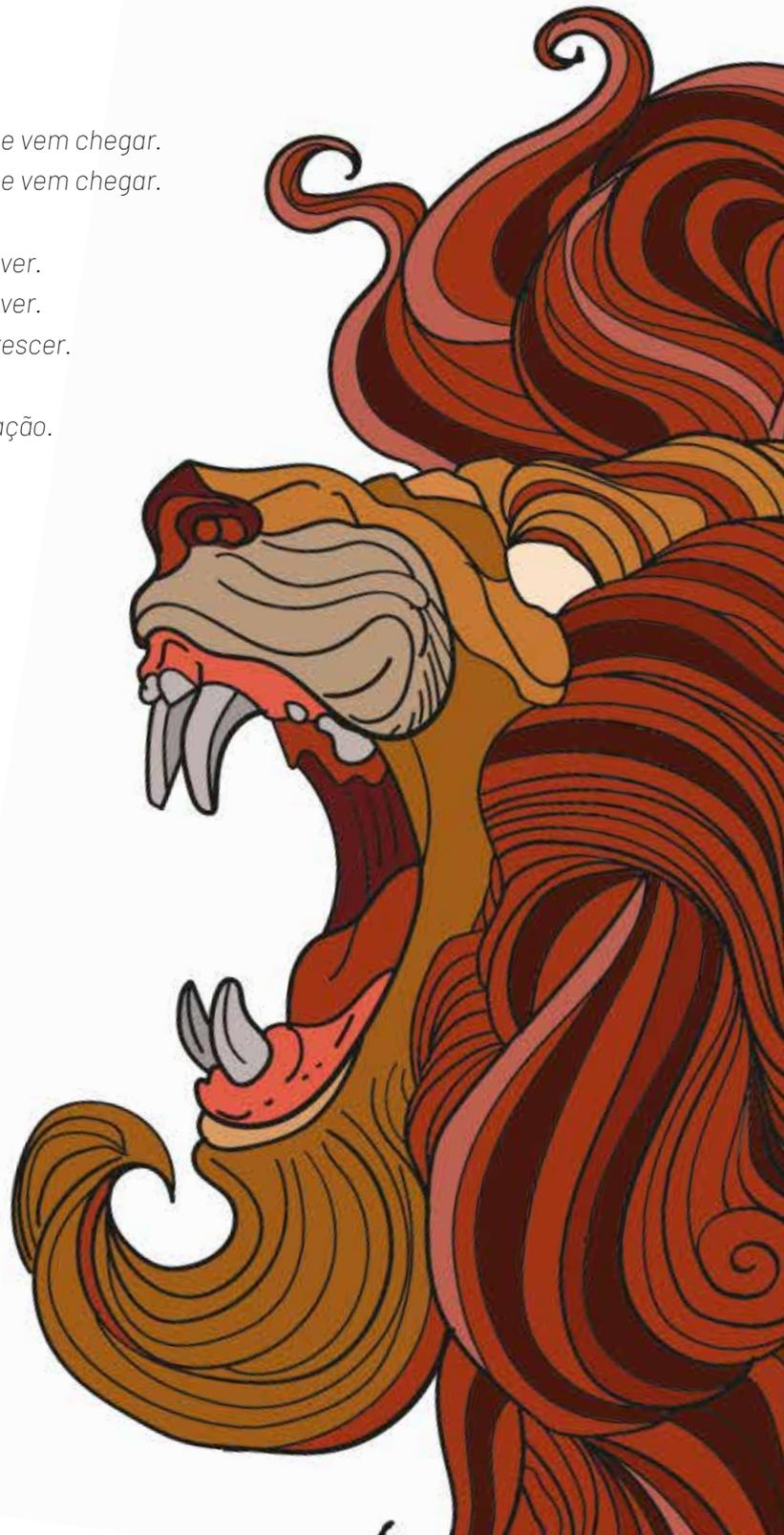
Coro:

*Meu Leão urrou, urrou na mata geral!
Meu Leão urrou, urrou na mata geral!*

*As "moreninha" toda alegre vem olhar,
Todo mundo está dizendo, é o Leão da Ilha que vem chegar.
Todo mundo está dizendo, é o Leão da Ilha que vem chegar.*

*Baila, baila, meu Leão, balança que eu quero ver.
Baila, baila, meu Leão, balança que eu quero ver.
Espalha a poeira no lombo e deixa a poeira crescer.*

E traz alegria de volta pra dentro do meu coração.



Um cortejo no Marahu

Naquela noite, a alegria tomou conta de todos os habitantes da vila, da praia e da floresta. O povo, feliz, dançava e cantava por toda parte, e uma festa como essa nunca havia se visto por aquelas bandas. E por falar em banda, foi justamente a banda de música da vila que alegrou o cortejo, que ficou conhecido como o Cortejo do Leão.

Uma vez ao ano, durante muitos anos, se dançava e cantava em homenagem ao querido Leãozinho. Sua história se passou há muito tempo e atravessou décadas, mas hoje poucos podem imaginar que na Floresta do Sertão viveu um Leão, que com seu urro trouxe paz, festa e animação.

Depois que muitos se esqueceram do ocorrido, uma menininha cega cresceu, criou família, se tornou mãe, avó, bisavó e também tataravó. Ela se perguntava por que tinha vivido tanto, mas estava feliz por ainda estar entre os seus queridos. E contava essa história para todos, de tal forma que alguns até duvidavam se era de fato tudo verdade. Ela sorria, pois sabia. Em algumas noites, até conseguia escutar o Leãozinho ainda urrando no Floresta, e se lembrava de Yasmin, que tinha se tornado sua grande amiga. Esmeralda estava cansada, e sabia que a história do Leão também era a sua história.

Agradecida da vida que teve, fez esse singelo poeminha em homenagem a todos com quem conviveu.

Essa história da recordação,
tem fada, rainha, princesa e filha.
Conta a vida de um nobre Leão,
do caçador, do doutor e do povo da Ilha!

Do arrependimento à conciliação,
Do equilíbrio da vida em comum,
buscou-se respeito e compreensão
na consciência de cada um.

Causos, melodias e harmonias,
cantadas por Dona Maria e Seu Bem.
Realidades, cotidianos e Fantasias,
animaram um distrito de Belém.

Guardadas no fundo do baú,
falaram de um povo festeiro.

Gente da Praia do Marahu,
na bela Ilha do Mosqueiro.

Quanta saudade no peito,
Eu guardo com gratidão.
A vida é um livro perfeito,
com dor, alegria e emoção.

Sou grata por essas lembranças,
Histórias melhores não há.
Do meu tempo de criança,
Viva o meu grande Pará!



A DESPEDIDA DO LEÃO

Coro:

*Adeus, senhores! Adeus, senhoras!
Leão da fera se despede e vai embora
Adeus, senhores! Adeus, senhoras!
Leão da Ilha se despede e vai embora*

*Menina não chore, consolai seu coração
O nome desse Leão veio de recordação
Menina não chore, consolai seu coração
O nome desse Leão veio de recordação*

*Meus senhores e senhoras nos prestem bem atenção
Este é nosso Leão que é da nossa estimação*

*Adeus, senhores! Adeus, senhoras!
Leão da fera se despede e vai embora
Adeus, senhores! Adeus, senhoras!
Leão da Ilha se despede e vai embora.*



Em algum lugar da floresta

Em trajes escuros, quase trapos, Dona Morocha, mais conhecida como a feiticeira, se esgueirava por entre as árvores e galhos, pegando seus gravetos, ervas, e aqui e acolá algum bichinho que, por descuido, não a via. A mulher avançava como uma cobra, silenciosamente. Mas eis que, em dado momento, se assusta pela visão à sua frente, e exclama:

_ AAIIIII! Eu não tive culpa!!!! - gritou a feiticeira, já sabendo o que tinha aprontado.

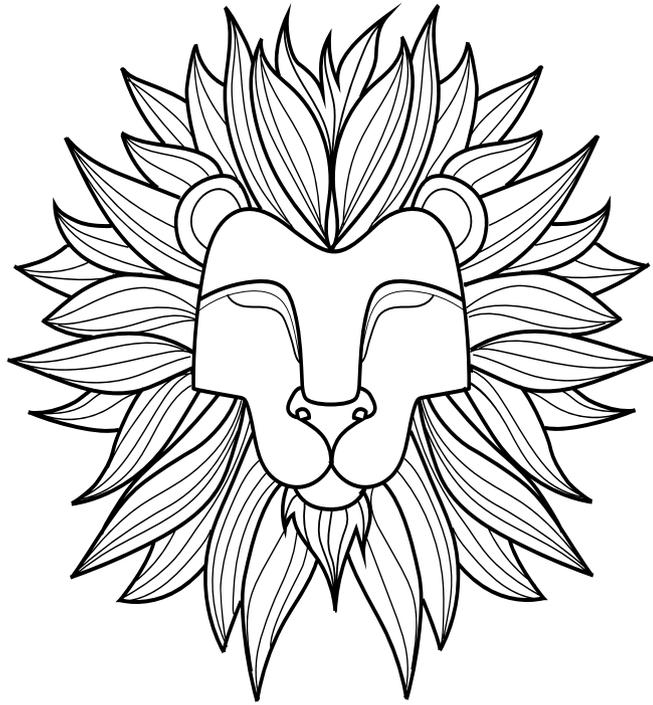
— Não vim aqui para lhe fazer mal, senhora. Apenas para dizer que estarei sempre de olho em você, a partir de agora - disse Diana. — O que você fez não tem desculpas, e eu sei muito bem o que você tramou — completou. Diana sempre soube das tramoias da feiticeira, mas nunca pensou que ela poderia atentar contra os bichinhos da floresta. Sabia que, a partir de agora, teria que vigiar essa senhora.

— Sei o que a moça pensa sobre o que eu fiz, mas saiba que eu só atendi a um pedido solicitado do moço caçador, eu não pedi para ele caçar nada ou para fazer qualquer coisa errada. Isso já estava decidido por ele... — e, com um sorriso sarcástico, sussurrou: — Eu só facilitei.

— Você é senhora de suas decisões e um dia poderá pagar muito caro por atender a todos, da forma como faz. Não distinguir entre um pedido para fazer o bem e um para fazer o mal não a exime de ser parte da desgraça alheia — afirmou Diana.

— Hum... vou "matutá" o que a moça me diz, mas saiba que vai chegar o tempo em que poucos irão se importar com os bichinhos dessa floresta... Aliás poucos vão se importar com a floresta. A queimada irá se abater sobre esse nosso mundo e o homem que manda não vai se importar. Muitos até o apoiarão. Mal sabem vocês que está tudo conectado... e é o mundo que pagará muito caro pelo estrago que está por vir. Eu sou parte de tudo aqui, do que se vê e do que não se vê. Aqui nasci, aqui vivo e aqui vou morrer, e novamente nascer, viver e morrer, em um ciclo que se confunde com o universo. Agora me dá licença que vou ganhar os meus trocados.

Quando Diana se preparou para responder, em um piscar de olhos não viu mais a feiticeira. Ela tinha desaparecido como num passe de... feitiçaria. Entretanto, tal fato não assustou tanto a querida fada quanto as falas finais da velha bruxa. Diana ficou paralisada pensando: o que essa feiticeira quis dizer com "a queimada irá se abater sobre esse nosso mundo"?



විදේශ
විදු

caderno de partituras

Os gêneros musicais encontrados na música de “O Leão da Ilha”

Os cordões de pássaros e bichos são manifestações caracterizadas pela diversidade da música apresentada, todas originadas da maravilhosa simbiose rítmica que encontramos no Brasil, pelas culturas que aqui existiam e pelas que chegaram ao longo dos séculos. Por forte influência antropológica, a pesquisa de campo tornou-se uma das mais importantes exigências para o estudo da etnomusicologia moderna. Se, por um lado, a musicologia se debruça sobre o texto musical, a etnomusicologia observa a determinação histórica na qual a música está inserida, como mecanismo de compreensão de saberes, os motivos que fazem uma determinada música ou estilo musical ser da forma como é. E buscar reconhecer na manifestação popular a força desses saberes engrandece o povo, o lugar e as origens de nossa cultura. Assim, há algum tempo a etnomusicologia inclui também, em seu campo de estudo, as músicas de origem ou tradicionalmente ligadas ao contexto rural, tais como o maracatu, o samba de roda, ou músicas de contexto urbano, tais como o funk carioca, o pagode ou mesmo o choro.

E nesse sentido podemos observar no cordão de bicho O Leão da Ilha a exuberância dessas manifestações rítmicas também, tais como o “retumbão”, uma música da marujada de Bragança muito semelhante ao lundu e o “boi-bumbá”, presente em várias partes do Brasil e com diferentes denominações e características próprias, tal qual o “boi de pandeirão”, todos em ritmo binário. O pandeirão é um instrumento que dá vivacidade ao boi e junto às matracas, é o instrumento que mais se destaca na manifestação, geralmente tocado em um grupo com vários pandeirões. Temos também um dos gêneros mais conhecidos em todo o mundo, a “valsa”, em compasso ternário, e com ritmos que também se adaptam à localidade onde é composta. A “mazurca”, igualmente escrita em compasso ternário e de tradição polonesa – incorporada no Brasil pelo colonizadores portugueses – foi amplamente difundida no país, e na região norte passou a compor a marujada, sendo também conhecida como mazurca bragantina. Percebe-se aqui a influência da marujada de Bragança e, reforçando essa posição da região, encontramos o xote bragantino; e de outra região não menos importante podemos observar a “chula marajoara”, conhecida como choro caboclo.

Perceberam quantas novas informações podemos encontrar, em termos de ritmos? Retumbão, boi-bumbá, boi de pandeirão, xote bragantino, chula marajoara, além de valsa e mazurca. Na redução de voz e piano talvez não fiquem tão evidentes esses ritmos, mas pouco a pouco, na experiência que esse cordão de bicho poderá proporcionar, fique preparado para conhecer um pouco mais sobre o nosso Brasil.

Prof. Marcelo Jardim
Escola de Música da UFRJ

Voz e piano

Adaptação da letra

Leandra Vital

Transcrição, arranjo e edição

Marcelo Jardim

O Leão da Ilha

Cordão de bicho característico dos folguedos da Praia do Marahu

I. Abertura Festiva

(retumbão)

Raimundo Martins da Trindade / Marcelo Jardim

Ilha do Mosqueiro/PA, 1980

Rio de Janeiro/RJ, 2024



Allegro moderato (♩ = 116)

Piano

f

A D A7

Pno.

4 D A7 D A7

Voz

8 D A7

f A - qui che - ga - mos com to - da sa - tis - fa - ção vi -

Pno.

8 *mf*

Voz

11 Em7 D

e - mos dan - çar vi - e - mos tra - zer es - sa nos - sa gran - de

Pno.

11

I. Abertura Festiva

14 A7 Em7 D A7

Voz

fe - ra que vei - o se/a pre - sen - tar che -

Pno.

mf *sfz*

17 D D Bm7

Voz

ga - mos com/a - le - gri - a com mui - ta sa - tis - fa -

Pno.

mf

20 Em7 A7

Voz

ção vie - mos tra - zer a gran - de fe - ra o

Pno.

23 A9 3 3 D A7 D

Voz

nos - so for - mo - so Le - ão che - ga - mos com/a - le - gri -

Pno.

sfz

I. Abertura Festiva

26 Bm7 Em7

Voz

- a com mui-ta sa-tis - fa - ção vie-mos tra -

Pno.

29 A7 Em A7/C#

Voz

zer a gran - de fe - ra o nos - so for - mo - so Le -

Pno.

32 D A7 D D

Voz

ão A - qui che - gou nos - so Le - ão__ nos-so Le -

Pno.

35 Bm7 Em A7

Voz

ão de/es - ti - ma - ção__ e vai en - tran - do/e vai sau -

Pno.

I. Abertura Festiva

38 *Em* *A7/C#* *D* *A7*

Voz dan - do o po - vo que a - qui 'es - tão' A - qui che -

Pno. *sfz*

41 *D* *Bm7*

Voz gou nos - so Le - ão nos-so Le - ão de/es - ti - ma - ção

Pno.

44 *Em7* *A7/C#* *D*

Voz — vai vai en - tran - do/e vai sau-dan - do o po - vo

Pno. *f*

47 *A* *A7* *D* *Em6* *A/C#* *A7/E*

Voz — que/a - qui 'es - tão' vai vai en - tran - do/e vai sau-dan -

Pno. *sfz*

I. Abertura Festiva

50 **D** **A7** **D**

Voz - do o po - vo des - te sa - lão Che -

Pno.

53 **D** **Em** **D**

Voz gou che - gou che - gou che - gou va - mos brin - car

Pno. *mp*

56 **G** **A/C#** **A7** **D**

Voz - che - gou o Rei da fe - ra cam - pe - ão

Pno. *mf*

59 **A** **A7** **D** **Em7** **A/C#** **A7**

Voz - des - te lu - gar Che - gou o Rei da fe -

Pno. *sfz*

I. Abertura Festiva

62 D A7 D

Voz

- ra cam - pe - ão ___ des - te lu - gar ___ Meus se-

Pno.

f

65 A D A

Voz

nho - res e se - nho - ras nos pres - te ___ bem a - ten - ção

Pno.

68 D A7 D

Voz

___ Es - te é o nos - so pla - no pois a - qui -

Pno.

71 A7 D

Voz

- vie - mos brin-car ___

Pno.

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital
Arranjo e edição: Marcelo Jardim

O Leão da Ilha

Cordão de bicho
Raimundo Martins da Trindade
Marcelo Jardim



II. O Guarda-bosque

(mazurka)

Tempo de Mazurka (♩. = ca. 48 / ♩ = ca. 144)

Piano

ff

Pno.

Pno.

Voz

Pno.

Em

E

Am/E

Em

B/F#

[guarda-bosque]

Em

mf Eu sou o guar - da des-se bos - que

Em

mp

II. O Guarda-bosque

20 E7 Am

Voz

tra - ba - lho com a - ten - ção

Pno.

25 B/F# Em B/F#

Voz

tra - ba - lho di - a e noi - te com or - dem

Pno.

30 Em Em

Voz

do meu pa - trão

Pno.

ff

37 E Am/E B/F#

Pno.

II. O Guarda-bosque

43 *Em* *B/F#* *Em*

Pno.

49 *Em* *E7*

Voz

mf Eu souo guar - dadesse bos-que tra - ba - lho com a - ten -

Pno.

mp

55 *Am* *B/F#* *Em*

Voz

f ção trab - ba - lho di - a e noi - te

Pno.

61 *B/F#* *Em* *B/F#*

Voz

pa - ra ga - nhar meu tos - tão *p* tra - ba - lho di - a e

Pno.

II. O Guarda-bosque

67 *Em* *B/F#* *f* *Em*

Voz

noi - te pa - ra ga - nhar meu tos - tão

Pno.

73 *Em* *E*

Pno.

ff

79 *Am/E* *B/F#* *Em*

Pno.

85 *B/F#* *rit.* *E7* *Em*

Pno.

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim

III. O Caçador

(boi-bumbá)

Andante moderato (♩ = 86)

Piano *ff*

5

9

13

Pno.

Pno.

Pno.

Gm Dm C F F7

B♭ F B♭/F

B♭ F B♭/F

Gm Dm C F

The musical score is written in 2/4 time with a key signature of one flat (Bb). It consists of four systems of piano accompaniment. The first system is marked 'Piano' and 'ff'. The second system starts at measure 5. The third system starts at measure 9. The fourth system starts at measure 13. Chord symbols are placed above the treble clef staff in each system. The bass line features a consistent rhythmic pattern of eighth notes.

[caçador]

III. O Caçador

17 **F** **Dm** **F** **F7**

Voz

8

Sou ca - ça - dor sou/[a] - fa - ma - do, es - ta é mi - nha pro - fis - são
 Sou ca - ça - dor sou/[a] - fa - ma - do, mi - nha pro - fis - são é ca - çar

Pno.

mf

21 **F** **Gm** **Dm7/A** **C7** **F** **F7**

Voz

8

Ve - nho fa - zer a ca - ça - da/a - qui na ma - ta do ser - tão,
 Va - mos sa - ir à pro - cu - ra pra ca - çar o que/en - con - trar.

Pno.

25 **F** **Gm** **Dm7/A** **C7** **F**

Voz

8

Ve - nho fa - zer a ca - ça - da/a - qui na ma - ta do ser - tão
 Va - mos sa - ir à pro - cu - ra pra ca - çar o que/en - con - trar.

Pno.

[o povo da ilha]

29 **Bb** **F** **Bb/F**

Voz

8

O - lhem lá, ca - ça - do - res nos pres - te bem a - ten - ção

Pno.

f

III. O Caçador

33 F Gm Dm7/A C7 F F7

Voz

Não ma - te nos - so Le - ão que é da nos - sa/es - ti - ma - ção

Pno.

37 Bb F Bb/F

Voz

O - lhem lá, ca - çá - do - res nos pres - te bem a - ten - ção

Pno.

41 F Gm Dm7/A C7

Voz

Não ma - te nos - so Le - ão que é da nos - sa/es - ti - ma

Pno.

44 F F

Voz

es - ti - ma - ção es - ti - ma - ção

Pno.

ff

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim

IV. O Povo da Ilha

(boi de pandeirão)

Andantino (♩ = 80)

Voz

Piano

f

G Am

Êh Ah

Voz

Pno.

[o povo da ilha]

5 Am7 G

Oh Ah Êh Ah O - lhe lá, ca - ça -

sfz

Voz

Pno.

9 Am Am7/G G Am7/G

dor vai pres-tan-do/a - ten - ção se a - ti - rar nes - sa

mf

IV. O Povo da Ilha

13 **Bm7** **Am** **D7** **G**

Voz

fe - ra vai so - frer lá na pri - são Êh! O - lhe lá, ca - ça -

Pno.

17 **Am** **Am7/G** **G**

Voz

dor vai pres - tan - do/a - ten - ção

Pno.

20 **Am7/G** **Bm7** **Am** **D7** **G** 1.

Voz

se a - ti - rar nes - sa fe - ra vai so - frer lá na pri - são

Pno.

24 **G** 2.

Voz

O - lhe lá, ca - ça - são

Pno.

ff

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital
Arranjo e edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho
Raimundo Martins da Trindade
Marcelo Jardim

V. A Traição do Caçador

(mazurka)

Tempo de Mazurka (♩. = ca. 48 / ♩ = ca. 144)

Piano

Pno.

Pno.

[guarda-bosque]

Voz

mf Eu sou o guar - da des-se bos - que

Pno.

V. A Traição do Caçador

20 E Am/E

Voz 8

eu bus - co dar pro - te - ção

Pno.

25 F#° Em B7/F#

Voz 8

O "mar - va - do" ca - ça - do - or *p* ho - je u -

Pno.

30 Em B7/F#

Voz 8

sou tra - i - ção

Pno.

35 Em B7/F# Em

Pno.

V. A Traição do Caçador

41 *mf* **Em** **E**

Voz *mf* Eu sou guar - dadesse bos-que pro - cu - ro dar pro - te -

Pno.

47 *p* **Am/E** **B7/F#** **Em**

Voz *p* ção O "mar - va - do" ca - ça - do - or

Pno.

53 *p* **B7/F#** **Em** **Am** *f*

Voz *p* ho - je u - sou tra - i - ção *f* o "mar - va - do" ca - ça -

Pno.

59 *poco rit.* **Em** **B/F#** **Em Am6 B7** **Em**

Voz do - or *col canto* ho - je u - sou tra - i - ção *a tempo*

Pno. *ff* *ff*

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital
Arranjo e edição: Marcelo Jardim

O Leão da Ilha

Cordão de bicho
Raimundo Martins da Trindade
Marcelo Jardim



VI. O Lamento da Pastora

(valsas)

Tempo de Valsa (♩ = ca. 48 / ♩ = ca. 144)

Piano

Em Am B7

Voz

[pastora]

Eu sou uma tris - te pas - to - ra,

Pno.

13 B7/F#

Voz

vim na ma - ta tra - ba - lhar

Pno.

18 B7

Voz

pe - lo di - zer das pas - to - ras foi que pu - de/a -

Pno.

zer

VI. O Lamento da Pastora

23 Em [guarda-bosque] B7/F#

Voz

cre - di - tar Não cho - ra, mi - nha me - ni - na

Pno.

29 B7 Em [pastora]

Voz

ca - ça - dor foi o cul - pa - do A - ti -

Pno.

34 Am B7

Voz

rou em nos - so Le - ão, mas e - le vai ser

Pno.

39 Em

Voz

cas - ti - ga - do A - ti - rou em nos - so Le -

Pno.

VI. O Lamento da Pastora

44 Am B7 [guarda-bosque] Em

Voz

ã o mas e - le vai ser cas - ti - ga - do

Pno.

[pastora]

49 Em

Voz

A pe - na que me faz pe - na a pe - na me

Pno.

55 B7/F# B7

Voz

traz cui - da - do de ver a - qui o Le - ão

Pno.

61 Em

Voz

com o san - gue der - ra - ma - do

Pno.

VI. O Lamento da Pastora

[guarda-bosque]

66 Em

Voz

A pe - na que me faz pe - na a pe - na me traz cui -

Pno.

72 B7/F# [pastora] [optar por voz 1 ou 2] B7

Voz

da - do De ver a - qui o Le - ão

Pno.

77 Em *rit.*

Voz

tan - to san - gue der - ra - mar.

Pno.

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim

O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim



VII. Caboclos Guerreiros

(boi-bumbá)

Andante moderato (♩ = 86)

Piano

Measures 1-4 of the piano accompaniment. The music is in 2/4 time with a key signature of one flat (Bb). The tempo is Andante moderato (♩ = 86). The first measure has a Bb chord. The second measure has an F chord. The third measure has a Bb/F chord. The fourth measure has a Bb/F chord. The dynamics are marked with a forte (f) in the first measure.

Pno.

Measures 5-8 of the piano accompaniment. The music continues in 2/4 time with a key signature of one flat. The fifth measure has a Dm chord. The sixth measure has an F chord. The seventh measure has a C7 chord. The eighth measure has an F chord. The ninth measure has an F7 chord. The dynamics are marked with a forte (f) in the first measure.

Pno.

Measures 9-12 of the piano accompaniment. The music continues in 2/4 time with a key signature of one flat. The ninth measure has a Bb chord. The tenth measure has an F chord. The eleventh measure has a Bb/F chord. The twelfth measure has a Bb/F chord. The dynamics are marked with a forte (f) in the first measure.

Pno.

Measures 13-15 of the piano accompaniment. The music continues in 2/4 time with a key signature of one flat. The thirteenth measure has a Dm chord. The fourteenth measure has an F chord. The fifteenth measure has a C7 chord. The dynamics are marked with a forte (f) in the first measure.

Voz

[caboclos]

Measures 16-18 of the vocal line. The music is in 2/4 time with a key signature of one flat. The sixteenth measure has an F chord. The seventeenth measure has an F/C chord. The eighteenth measure has a Bb chord. The lyrics are: "Nós 'se-mos' ca-bo-clos guer-rei-ros e da guer-ra nós vi -". The dynamics are marked with a forte (f) in the first measure.

Pno.

Measures 16-18 of the piano accompaniment. The music continues in 2/4 time with a key signature of one flat. The sixteenth measure has an F chord. The seventeenth measure has an F/C chord. The eighteenth measure has a Bb chord. The dynamics are marked with a mezzo-forte (mf) in the first measure.

[caboclas] VII. Caboclos Guerreiros

20 Gm G B \flat /F Dm/A Gm G7

Voz

e - mos Vi - e - mos pren - der os ca - ça - do - res, es - sa or - dem nós trou -

Pno.

24 F [caboclos] F/C B \flat

Voz

xe - mos Nós "se - mos" ca - bo - clos guer - rei - ros e da guer - ra nós vi -

Pno.

[caboclas]

28 Gm G B \flat /F Gm Dm/A Gm G7

Voz

e - mos Vi - e - mos pren - der os ca - ça - do - res, es - sa or - dem nós trou -

Pno.

[todos]

32 F B \flat F

Voz

xe - mos *f* O - lhem lá, _____ meus "ca - bo - clo", pres - tem mui - ta

Pno.

VII. Caboclos Guerreiros

36 $B\flat/F$ Dm Am F C7

Voz

a - tenção Le - vo na/espín-gar - da ba - la na pa - tro-na-mu - ni -

Pno.

40 F F7 B \flat F

Voz

ção O - lhem lá, meus "ca-bo - clo", pres - tem mui - ta

Pno.

44 $B\flat/F$ Dm Am Dm/A C7

Voz

a - tenção Le - vo na/espín-gar - da ba - la na pa - tro-na-mu - ni -

Pno.

48 F F

Voz

ção, ta - ta - rá! ção, ta - ta - rá!

Pno.

ff.

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim

O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim



VIII. A Caçada ao Caçador

(boi de pandeirão)

Moderato (♩ = c. 108)

Chords: Bm, Em9, F#7, Bm7, C#m7, F#sus4, B9, G, Em7, Bm7

Voz

Piano

Pno.

lá lá

lá lá lá lá lá Lá lá lá lá lá lá lá

lá lá lá lá lá lá lá lá lá Va - mos in - do, com - panhei -

ros, va - mos, va - mos de - va - gar ____ Va - mos com/a/es - pa - da na mã -

ros, va - mos lá ver o que há ____ Va - mos com/a/es - pa - da na mã -

Detailed description: This is a musical score for voice and piano. It is in the key of B major (two sharps) and 4/4 time. The tempo is Moderato, with a quarter note equal to approximately 108 beats per minute. The score is divided into four systems. The first system (measures 1-3) features a vocal line with lyrics 'lá lá lá' and a piano accompaniment with a rhythmic pattern of eighth notes and chords. The second system (measures 4-6) continues the vocal line with 'lá lá lá' and piano accompaniment. The third system (measures 7-9) includes the lyrics 'lá lá lá lá lá lá lá lá lá Va - mos in - do, com - panhei -' and piano accompaniment. The fourth system (measures 10-12) concludes with the lyrics '- ros, va - mos, va - mos de - va - gar ____ Va - mos com/a/es - pa - da na mã -' and 'ros, va - mos lá ver o que há ____ Va - mos com/a/es - pa - da na mã -'. The piano accompaniment consists of chords in the right hand and a bass line in the left hand, often using a 'boi de pandeirão' (bongo) rhythm.

VIII. A Caçada ao Caçador

12 **A7** **F#7** **Bm**

Voz

8

- o pron - tos pa - ra guer-re - ar _____ Va - mos in - do, com - pa-nhei-
 - o pron - tos pa - ra guer-re - ar _____

Pno.

14 **Em7** **F#7** **Bm** **Em7**

Voz

8

- ros, va - mos, va - mos de - va - gar _____ Va - mos com/a ma - ca na mã-
 ros, va - mos lá ver o que há _____ Va - mos com/a ma - ca na mã-

Pno.

16 **A7** **F#7** **Bm**

Voz

8

- o pron - tos pa - ra res-ga - tar _____ A - qui che -
 - o pron - tos pa - ra res-ga - tar _____ A - qui vol -

Pno.

18 **Em9** **F#7** **Bm** **C#m** **F#sus4** **F#7**

Voz

8

ga - mos com a - le - gri - a com pra - zer no co - ra - ção
 ta - mos com a - le - gri - a com pra - zer no co - ra - ção

Pno.

VIII. A Caçada ao Caçador

21

Bm7 B9 Em9 C#m Bm7 G

Voz

8

— Va - mos pren - der o ca - ça - dor na flo - res -
 — Pois que tá pre - so/o ca - ça - dor que/a - go - ra vai

Pno.

24

F#7 Bm Bm

Voz

8

— ta do ser - tão. Va - mos in - do com - panhei
 — lá pra pri - são. são. Lá lá lá

Pno.

1. 2.

27

Em9 F#7 Bm7 C#m F#sus4 F#7 Bm B9

Voz

8

lá lá

Pno.

31

Em9 C#m7 Bm7 G F#7 Bm Bm/F#Bm

Voz

8

lá lá

Pno.

ff

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim

IX. A Filha do Caçador

(valsas)

Tempo de Valsa (♩. = ca. 48 / ♩ = ca. 144)

Em D C6 B7 Em D

Piano

7 C6 B7 Em D C6 B7

Pno.

[Esmeralda]

13 Em D C B7 Em B7

Voz

'sta - va dor - min - do so -

Pno.

19 Em E7/B Am G# Am7 F#m7(b5)

Voz

nhan - do es - ta / é mi - nha de - vo - ção

Pno.

IX. A Filha do Caçador

25 D7 F#m7(b5) Em Em7 Am B7 Em

Voz

quando/en-con - trei com meu pa - ai nes-sa hor - ri - vel pri - são

Pno.

32 D C6 B7 Em D C6 B7

Pno.

39 Em B7 G Em E7 Am G#°

Voz

Deus de lá das al - tu - ras te - nha de mim com - pai -

Pno.

mf

45 Am7 F#m7(b5) D7 F#m7(b5) Em

Voz

xão man - dai u - ma cri - a - tu - ra

Pno.

IX. A Filha do Caçador

51 F#m7(b5) B7 Em D C6 B7

Voz

ti - rar meu pai da pri - são

Pno.

57 Em D C6 B7

Pno.

61 Em B7 Em E7

Voz

Deus, de lá das al - tu - ras

Pno.

65 Am G#° Am F#m7(b5)

Voz

te - nha de mim com - pai - xão man -

Pno.

Detailed description: The image shows a musical score for the piece 'IX. A Filha do Caçador'. It consists of four systems of music. Each system includes a vocal line (Voz) and a piano accompaniment (Pno.). The vocal line is written in a treble clef with a key signature of one sharp (F#). The piano accompaniment is written in a grand staff (treble and bass clefs). Chord symbols are placed above the vocal line. The lyrics are written below the vocal line. The first system (measures 51-56) has chords F#m7(b5), B7, Em, D, C6, and B7. The second system (measures 57-60) has chords Em, D, C6, and B7. The third system (measures 61-64) has chords Em, B7, Em, and E7. The fourth system (measures 65-68) has chords Am, G#°, Am, and F#m7(b5). The piano accompaniment includes a dynamic marking 'f' in the first system. The lyrics are: 'ti - rar meu pai da pri - são', 'Deus, de lá das al - tu - ras', and 'te - nha de mim com - pai - xão man -'.

IX. A Filha do Caçador

69 D7 F#m7(b5) Em Em/B

Voz

dai u - ma cri - a - tu - ra

Pno.

73 F#m7(b5) B7 Em D

Voz

ti - rar meu pai da pri - são.

Pno.

77 C6 B7 Em D C6 B7

Pno.

mf

rit.

83 Em D C6 B7 Em

Pno.

mp

p

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim

X. O Caçador na Prisão

(mazurka bragantina)

Tempo de Mazurka (♩. = 48, ♩ = 144)

Piano

mp

Em D/E C/E B/E E

6 C/E Am F# Em

Pno.

12 F#m7(b5) B7 Em

mf

[caçador]

17 Em E7

Voz

8 Eu soum po - bre ca-ça - do - or vi - vo des -

Pno.

mp

X. O Caçador na Prisão

22 *Am7* *F#m7(b5)*

Voz

ta pro - fis - são ho - je a - qui eu/es - tou

Pno.

27 *Em* *F#m7(b5)* *B7* *Em*

Voz

pre - so nes - ta ma - ta do ser - tão.

Pno.

p *mp*

32 *Em*

Voz

Meu Deus de lá das al - tu - ras

Pno.

mf

37 *E7* *Am*

Voz

Que te - nha pe - na de mim.

Pno.

X. O Caçador na Prisão

41 $F\#m7(b5)$ Em

Voz

8 Me man - de/u - ma cri - a - tu - ra

Pno.

45 $F\#m7(b5)$ $B7$ Em

Voz

8 vir me ti - rar da pri - são

Pno.

p

49 Am $F\#m7(b5)$ Em

Voz

8 Me man - de/u - ma cri - a - tu - ra

Pno.

f

53 $F\#m7(b5)$ $B7$ Em

Voz

8 vir me ti - rar da pri - são

Pno.

p

molto rall.

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim

O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim



XI. Um Chamado de Luz

(valsas)

Tempo de Valsa (♩. = ca. 48 / ♩ = ca. 144)

Piano

mp

7

Pno.

[fada Diana]

14

Voz

mf Eu sou a fa - da sin - ge - la

Pno.

20

Voz

B7

Em

e ve - nho lá do ser - tão

Pno.

XI. Um Chamado de Luz

25 E7 Am B7 Em

Voz

por que cho - ras ca - ça - dor - - - nes - sa hor - rí - vel pri - são

Pno.

32 E7 Am

Pno.

f

37 B7 Em

Pno.

mp

44 Em D7

Voz

mf 'sta - va - dor min - do/a - cor - dei - me

Pno.

XI. Um Chamado de Luz

50 B7 Em

Voz

com um cha - ma - do de luz

Pno.

55 E7 Am

Voz

o san - to que me cha - ma - - va

Pno.

59 B7 Em

Voz

san - to no - me de Je sus.

Pno.

63 E7 Am

Pno.

XI. Um Chamado de Luz

Pno.

67 B7 Em

Voz

72 *mp* Ah *p* Ah

Pno.

Voz

78 [fada Diana] *rit.*

mp 'sta - va dor - min-do/a - cor - dei

Pno.

Pno.

84

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim

XII. A Sina do Caçador

(valsa)

Tempo de Valsa (♩. = ca. 48 / ♩ = ca. 144)

Piano

Chords: Em, Am

Dynamic: *mf*

Pno.

Chords: B7, Em

[caçador]

Voz

Chords: Em, B7

Mi-nha fa - di-nha que - ri da pren-da do meu co - ra - ção

Pno.

Dynamic: *mp*

Voz

Chords: B7/F#, B7, F#m, B9

Se tu tens pe - na de mim

Pno.

XII. A Sina do Caçador

22 F#m7(b5) B7 Em

Voz
8 me ti - res des - ta pri - são

Pno.

26 Em B7

Voz
8 Mi - nha fa - di - nha que - ri da Pren - da do

Pno.

31 B B7/F# B7

Voz
8 meu co - ra - ção Se tu tens pe - na de

Pno.

36 F# B9 F# B7 Em

Voz
8 mim me ti - res des - ta pri - são.

Pno.

XII. A Sina do Caçador

[fada Diana] Em Am F# B9

Voz

41 Não cho - res, oh ca - ça - dor_ de - mons - tras - te

Pno.

f

Em [pastora] Em

Voz

47 com - pai - xão. mas fe - ris - te/o nos - so Le -

Pno.

mf

Am B7sus4 B6 Em

Voz

52 ão e/a - go - ra pa - gas na pri - são.

Pno.

[todos] Em D F#

Voz

57 Não cho - res ca - ça - dor, não cho - res.

Pno.

f

XII. A Sina do Caçador

62 B9 Em Am

Voz

Tu já/es - tás ar - re - pen - di - do Tu vais pa -

Pno.

67 Am7 Em F#m7(b5) B7 Em

Voz

gar na pri - são E não se - rás a - tre - vi -

Pno.

73 Am Am7 Em

Voz

do Tu vais pa - gar na pri - são

Pno.

78 F#m7(b5) B7 Em *rit.*

Voz

E não se - rás a - tre - vi - do.

Pno.

mf *mp* *p*

Voz e piano

Adaptação da letra e arranjo: Leandra Vital

Edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Leandra Vital

XIII. A Fada Diana

(valsas)

Tempo de valsa lenta (♩ = 112)

Piano

mf

Gm Dm

4 Gm C#m7(b5) A7/C# Dm Gm7

[fada Diana]

8 Dm Dm Gm

Voz

Eu sou fa - da das es - tre - las sou

Pno.

8

12 A7/C#

Voz

lin - da/a vi - da/en - tei - ra/a - té no meu can -

Pno.

12

XIII. A Fada Diana

15 Dm Gm

Voz

tar. Eu ve - - -

Pno.

18 Dm

Voz

- nho lá do meu ser - tão sal-var es - se Le -

Pno.

21 C#m7(b5) A7/C# Dm

Voz

ão e/os ca - ça - do - res da pri - são

Pno.

25 Dm

Voz

são

molto rit.

Pno.

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim

XIV. O Doutor Maranhão

(xote bragantino)

Andantino (♩ = 80)

[Dr. Maranhão]

G Bm7

Voz

Eu sou Dou-tor sou for - ma - do no/Es - ta -

Piano

f *mf*

4 Em7 Am CM7 D

Voz

do do Ma - ra - nhão. Ve - nho fa - zer o - pe - ra - ção pa - ra sal -

Pno.

8 D7 G G7 C

Voz

var nos - so Le - ão. Ve - nha Dou - tor,

Pno.

f

XIV. O Doutor Maranhão

12 Am G Em7 F#m7(b5)

Voz

Ve-nha de-pres-sa li - gei - ro, ve-nha fa-zer o - pe-ra - ção pa - ra sal -

Pno.

16 D7 G G7/D C

Voz

var nos - so Le - ão. Ve - nha dou - tor,

Pno.

20 Am G F#m7(b5)

Voz

ve-nha de-pres-sa li - gei - ro, ve-nha sal-var o Le - ão que é nos -

Pno.

24 D7 G 1. G 2.

Voz

sa es - ti - ma - ção. ção.

Pno.

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim

O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim



XV. Já Viveu, Já se Levantou!

(desfeiteira)

Allegro (♩ = 120)

Piano

f

C C C6 C#º Em G

Voz

f Já vi - ve - u, já se le - van - tou!

Pno.

ff *f*

Voz

Dm G C Dm

Já vi - ve - u, já se le - van - tou! *ff* O nos - so Le - ão - zi - nho que o

Pno.

f *f*

Voz

G7 C C Dm G7

p ca - ça - dor/a - ti - rou, o nos - so Le - ão - zi - nho que o *f* ca - ça - dor/a - ti -

Pno.

f

XV. Já Viveu, Já se Levantou!

24 C Am Dm G7 Am Am

Voz

rou Meusse - nhores e se - nho - ras, nos pres - tembem a - ten - ção. O Le - ão es - tá cu -

Pno.

30 Dm G7 Am Am Dm G

Voz

ra - do, paz e bemnes - se sa - lão. *f* Meusse - nhores e se - nho - ras, nos pres - te bem a - ten -

Pno.

36 Am Dm G7 Am

Voz

ção, O Le - ão es - tá cu - ra - do, paz e bem nes - te sa - lão.

Pno.

41 C Dm G7 C Dm

Voz

f Já vi - ve - u, já — se le - van - tou! Já vi - ve - u, já —

Pno.

XV. Já Viveu, Já se Levantou!

47

G7 C Dm G7 C

Voz

se le-van - tou, o nos-so le - ão - zi - nho que o ca - ça-dor/a-ti - rou, o

Pno.

53

Dm G7 C C

Voz

nos-so le - ão - zi - nho que o ca - ça-dor/a-ti - rou. Meus se Dou -

Pno.

58

Em Dm G7 C

Voz

tor já sal - vou! lá - lá

Pno.

64

C

Voz

lá - lá lá lá - lá

Pno.

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim

XVI. Meu Leão Urrou!

Allegro (♩ = 132) (chula marajoara)

Musical score for "Meu Leão Urrou!" featuring voice and piano accompaniment. The score is in 4/4 time and consists of four systems of music.

System 1: Measures 1-4. Chords: Dm, E7, Gm7, A7. Lyrics: "Meu Le - ão Ur - rou ur - rou na ma-ta ge - ral".

System 2: Measures 5-8. Chords: Dm, E7, Gm7, A7. Lyrics: "Meu Le - ão ur - rou ur - rou na ma-ta ge - ral".

System 3: Measures 9-12. Chords: Dm, Gm, C7. Lyrics: "As 'mo - re - ni - nha' to - da/a - le - gre vem o - lhar".

System 4: Measures 13-16. Chords: Dm, Dm7, C#7, A7. Lyrics: "To - do mundo/es - tá di - zen - É/o Le - ão da I -".

The piano accompaniment includes dynamic markings: *f* (forte) in the first system and *mf* (mezzo-forte) in the third system.

XVI. Meu Leão Urrou!

15 *C#* *A7* *Dm* *Gm*

Voz

- lha que vem che - gar — As 'mo - re - ni - nha', to - da/a-

Pno.

mf

19 *C7* *Dm* *Dm7* *C#7*

Voz

le - gre vem o - lhar — To - do mundo/es - tá di - zen -

Pno.

22 *A7* *C#7* *A7* *Dm* *Dm7*

Voz

- É/o Le - ão da I - lha que vem che - gar — To - do

Pno.

f

25 *C#7* *A7* *C#7* *A7* *Dm*

Voz

mundo/es - tá di - zen - do/é/o Le - ão da I - lha quem che - gar —

Pno.

XVI. Meu Leão Urrou!

29 Dm E7 Gm7 A7 Dm

Voz

Meu Le - ão ur - rou! _____ ur - rou__ na ma-ta ge - ral__

Pno.

f

33 Dm E7 Gm7 A7 Dm

Voz

Meu Le - ão ur - rou! _____ ur - rou__ na ma-ta ge - ral__

Pno.

37 Dm Gm C7 Gm Dm Dm7

Voz

As "mo - re - ni - nha", to - da/a - le - gre vem o - lhar, _____ to - do

Pno.

mf *f*

41 C#7 A7 C# A7

Voz

mundo/es - tá di - zen - do/é/o Le - ão da I - e - le vem che - gar

Pno.

XVI. Meu Leão Urrou!

44 Dm Gm C

Voz

As "mo - re - ni - nha", to - da/a - le - gre vem o - lhar.

Pno.

mp

48 Dm Dm7 C#7 A7

Voz

to - do mundo/es - tá di - zen - É/o Le - ão da I -

Pno.

mf

51 C#7 A7 Dm Dm7 C#7 A7

Voz

- lha quem che - gar to - do mundo/es - tá di - zen - do/é/o Le - ão da I -

Pno.

f

55 C#7 A7 Dm Dm E7

Voz

- lha quem che - gar. Bai - la, bai - la, meu Le - ão ba - lan -

Pno.

f

XVI. Meu Leão Urrou!

59 Gm7 A7 Dm Dm

Voz

- ça que/euque - ro ver — Bai - la, bai - la meu Le - ão —

Pno.

62 E7 Gm7 A7 Dm Dm Gm7

Voz

— ba - lan - ça que/euque-ro ver — Es - páha/a po-ei-ra no

Pno.

mf

66 Em7(b5) Gm A7

Voz

lom-bo e deixa/a po - ei - ra cres - cer — cer. E

Pno.

1. Dm 2. Dm

f

70 Gm7 Em7(b5) Gm A7 Dm

Voz

traga/a - le-gri-a de vol - ta pradentro do meu co - ra - ção! —

Pno.

ff

Voz e piano

Adaptação da letra: Leandra Vital

Arranjo e edição: Marcelo Jardim



O Leão da Ilha

Cordão de bicho

Raimundo Martins da Trindade

Marcelo Jardim

XVII. A Despedida do Leão

(boi-bumbá ou 'leão-bumbá')

Andante (♩ = 80)

Piano

mf

Cm Fm G7

Voz

A-deus se-nho-res — A-deus se-nho-ras, — Le-ão da

Pno.

sfz

Voz

7 Dm7(b5) G7 Cm Fm G7/D

fe - ra se des-pe-de/e vai em - bo-ra — A-deus se-nho-res — A-deus se-

Pno.

sfz *f*

Voz

10 Cm Dm7(b5) G7 Cm

nho-ras — Le-ão da I - lha se des-pe-de/e vai em - bo-ra — Me -

Pno.

sfz

XVII. A Despedida do Leão

13 C C7 Fm Fm6 Fm7 Cm

Voz

ni - na não cho - re con - so-lai seu co-ra-ção

Pno. *mf*

17 Fm7 Dm7(b5) G7

Voz

o no-me des-se Le - ão ve - io de re - cor - da -

Pno.

20 Cm C C7 Fm Fm6 Fm7

Voz

ção Me - ni - na não cho re con - so-lai seu co-ra -

Pno. *sfz* *mp*

24 Cm Fm7 Dm7(b5) G7

Voz

ção o no-medesse Le - ão ve - io de re - cor - da -

Pno. *mf*

XVII. A Despedida do Leão

28 Cm Fm G7/D Cm

Voz

ção A-deus se-nho-res, — A-deus se-nho-ras, — Le-ão da

Pno.

sfz

31 Dm7(b5) G7 Cm Fm G7/D

Voz

fe-ra se des-pe-de/e vai em-bo-ra — A-deus se-nho-res — A-deus se-

Pno.

sfz

34 Cm Dm7(b5) G7 Cm

Voz

nho-ras — Le-ão da I-lha se des-pe-de/e vai em-bo-ra — Meus se-

Pno.

sfz

37 Fm Cm G7

Voz

nho-res e se-nho-ras, nos pres-tem bem a-ten-

Pno.

f

XVII. A Despedida do Leão

40 Cm Fm Fm6 Cm

Voz

ção Es - te é nos - so Le - ão, que é da

Pno.

43 G7 Cm Fm G7

Voz

nos - sa/es - ti - ma - ção A-deus se-nho - res, — A-deus se-

Pno.

46 Cm Dm7(b5) G7 Cm

Voz

nho - ras, — Le - ão da fe - ra se des-pe-de/e-vai em - bo - ra — A-deus se-

Pno.

49 Fm G7/D Cm Dm7(b5) G7

Voz

nho - res, — A-deus se-nho - ras, — Le - ão da I - lha se des-pe-de/e vai em -

Pno.

XVII. A Despedida do Leão

52 Cm C C7 Fm Fm6

Voz

bo - ra — Me - ni - na não cho - re

Pno.

sfz *mf*

55 Fm7 Cm Fm7

Voz

con - so - lai seu co - ra - ção o no - me des - se Le -

Pno.

58 Dm7(b5) G7 Cm

Voz

ão — ve - io de re - cor - da - ção Me -

Pno.

sfz

61 C C7 Fm Fm6 Fm7 Cm

Voz

ni - na não cho — re con - so - lai seu co - ra - ção

Pno.

mp

XVII. A Despedida do Leão

65 Fm7 Dm7(b5) G7

Voz

o no-me des-se Le - ão ve - io de re - cor - da -

Pno. *mf*

68 Cm Fm G7 Cm

Voz

ção A-deus se-nho-res, A-deus se-nho-ras, Le-ão da

Pno. *sfz* *mf*

71 Dm7(b5) G7 Cm Fm G7

Voz

fe - ra se des-pe-de/e-vai em - bo - ra A-deus se-nho-res A-deus se-

Pno. *sfz*

74 Cm Dm7(b5) G7 Cm

Voz

nho-ras, Le-ão da I - lha se des-pe-de/e-vai em bo-ra.

Pno.

ARTE
DE TODA
GENTE



<https://www.artedetodagente.com.br/>



@umnovoohar.art.br



<https://www.facebook.com/umnovoohar.art.br>



<https://youtube.com/c/ArteDeTodaGente>



No realismo fantástico de uma época passada, um leãozinho chegou a Ilha do Mosqueiro, mais precisamente perto da Praia do Marahu, por vontade de um coronel que, apaixonado por sua Rainha, presenteou sua frágil filhinha com o animalzinho, símbolo de força e coragem. Logo o filhote se tornou um vistoso e imponente Leão, que passou a requerer uma grande área de terra para viver. O bichinho alegrou um coração necessitado e ajudou a unir os moradores da região – povos ribeirinhos, povos indígenas e o povo da vila – em perfeito equilíbrio de subsistência e de preservação ambiental. Em um dado momento, por necessidade e aflição, um pescador desiludido se transforma em um caçador sem coração, e auxiliado por forças ocultas, leva a beira da morte o Leão. Aqui toda a trama se desenvolve, com muita dramaticidade e ansiedade, colocando todos – a fada, o Pajé, os indígenas, o doutor, o advogado, o capitão e tantos outros – na busca por compensação da grande traição feita pelo caçador e também por uma solução que trouxesse saúde e reestabelecimento da força vital de nosso herói. A busca pela coexistência harmoniosa mostrou o quão difícil era manter o equilíbrio dos interesses da vida em comum, mas a jornada igualmente revelou o verdadeiro sentido das palavras cooperação e gratidão.

REALIZADO POR

